

Que entende Marx por ‘economia ideológica’? Um apontamento*

José Barata-Moura
Universidade de Lisboa
jose.moura@campus.ul.pt

§ 1. *Intróito.*

Pelas gretas do *pormenor*, esgueiram-se, às vezes, perspectivas com um alcance *maior*. Não, por virtude no detalhe introduzida, mas porque ínsitas no talhado pulsam dimensões que permitem surpreender a arquitectura significativa do conjunto do qual o talho o recortou.

A minha comunicação desta tarde limita-se a um apontamento. À primeira vista desarmada, marginal. Pela minudência de que releva.

Trata-se de aclarar o sentido de uma expressão que nem sequer é frequente nos escritos de Marx: «Economia *ideológica*».

Sem dúvida que a *ideologia* – tomada como conjunto das produções ideativas da consciência social – é detentora, num enfoque materialista dialecticamente entendido, de fundamento na materialidade

* Comunicação apresentada ao Colóquio «Marx: as misérias da filosofia», realizado na Faculdade de Letras da Lisboa, em 29 de Novembro de 2017.

do processo efectivamente real de vida dos seres humanos¹, e que «a economia» (*die Ökonomie*), ou seja: «o processo de produção» (*das Produktionsprozeß*) do viver de uma sociedade determinada, constitui, por seu turno, «a base material do mundo dela» (*die materielle Grundlage ihrer Welt*)², o mesmo é dizer: do complexo sistema de relações que ela vai historicamente pondo de pé e dentro do qual se movimenta.

Sem dúvida que um *saber* da economia – para o qual nem o «microscópio» nem os «reagentes químicos» têm útil préstimo como ferramenta de trabalho – não pode prescindir do emprego de «ideias abstractas»³, cuja *generalidade* requer um apuramento cuidado a partir de *determinações* materiais⁴, cuja *correção* supõe um exame *crítico*

1. «A consciência [*das Bewußtsein*] nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente [*das bewußte Sein*], e o ser [*das Sein*] dos seres humanos é o processo [efectivamente] real de vida deles.» – «Das Bewußtsein kann nie Andres sein als das bewußte Sein, und das Sein der Menschen ist ihr wirklicher Lebensprozeß.», Karl MARX – Friedrich ENGELS, *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten* (1845-1846), I, A; *Marx-Engels Werke*, ed. IML (doravante: MEW), Berlin, Dietz Verlag, 1969, vol. 3, p. 26.

2. Cf. MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1867*, I, 1, 1; *Marx-Engels Gesamtausgabe*, ed. Günter Heyden e Anatoli Jegorow (doravante: MEGA²), Berlin, Dietz Verlag, 1983, vol. II/5, p. 49.

3. «Além disso, na análise das formas económicas, nem o microscópio pode servir, nem reagentes químicos. A força de abstracção [*die Abstraktionskraft*] tem que os substituir a ambos.» – «Bei der Analyse der ökonomischen Formen kann außerdem weder das Mikroskop dienen, noch chemische Reagentien. Die Abstraktionskraft muß beide ersetzen.», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1867*, Vorwort: MEGA², vol. II/5, p. 12.

4. «A produção em geral [*im Allgemeinen*] é uma abstracção, mas uma abstracção de entendimento [*eine verständige Abstraktion*], na medida em que ela, de um modo [efectivamente] real [*wirklich*], salienta, fixa, o comum [*das Gemeinsame*], e nos poupa, por conseguinte, a repetição [*die Wiederholung*]. Entretanto, este *geral* [*dies Allgemeine*] – ou o comum separado [do múltiplo, *heraussondern*] por comparação – é ele próprio algo de muitas maneiras membrado [*ein vielfach Gegliedertes*] e que se desmultiplica em diversas determinações.» – «Die Produktion im Allgemeinen ist eine Abstraktion, aber eine verständige Abstraktion, sofern sie wirklich das Gemeinsame hervorhebt, fixiert, und uns daher die Wiederholung erspart. Indeß dieß *Allgemeine*, oder das durch Vergleichung herausgesonderte Gemeinsame, ist selbst ein vielfach Gegliedertes, in verschiedene Bestimmungen auseinanderfahrendes.», MARX, *Ökonomische Manuskripte 1857/58*, Einleitung zu den “Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie”, I, 1; MEGA², vol. II/1.1, p. 23.

Neste recurso à «abstracção de entendimento» (*verständige Abstraktion*) por parte de Marx são audíveis os ecos da *dialéctica* hegeliana do saber, ainda que, agora, em embasamento

das condições que lhes definem (não raro, distorcidamente) a *imediatez* do vis⁵, cuja *verdade* não dispensa o conceber daquela *concreção*

ontológico materialista.

Para Hegel, «o pensar enquanto *entendimento*» (*das Denken als Verstand*) foca-se em exclusivo na «determinidade» (*Bestimmtheit*) e «diferencialidade» (*Unterschiedenheit*) dos entes na sua fixação imediata. Dialecticamente criticável, é o enclausuramento nesta atitude, mas não «a precisão» (*die Präzision*) que ela permite denotar nos conteúdos *determinados*, e que impede que se deambule «pelo vago e pelo indeterminado» (*bei Vagen und Unbestimmtem*).

Neste sentido dialéctico, estamos perante uma etapa necessária de um processo que, no entanto, para além dela tem que conduzir, em direcção ao «concreto» [*Konkrete*], enquanto totalidade devenida das determinações: «o pensar» (*das Denken*), «primeiro» (*zunächst*), é decerto «pensar de entendimento, só que ele não se queda por aí, e o conceito não é mera determinação de entendimento» – «verständiges Denken, allein dasselbe bleibt dabei nicht stehen, und der Begriff ist nicht bloße Verstandesbestimmung».

Cf. Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 80; *Theorie Werkausgabe*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (doravante: TW), Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970, vol. 8, pp. 169-172.

5. «Se, na ideologia toda, os seres humanos e as suas relações aparecem, como numa câmara escura [*Camera obscura*], postos de cabeça para baixo [*auf den Kopf*], este fenómeno provém do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a rotação [*die Umdrehung*] dos objectos na retina [provém] do seu [processo de vida] imediatamente físico.» – «Wenn in der ganzen Ideologie die Menschen und ihre Verhältnisse wie in einer Camera obscura auf den Kopf gestellt erscheinen, so geht dies Phänomen ebensowohl aus ihrem historischen Lebensprozeß hervor, wie die Umdrehung der Gegenstände auf der Netzhaut aus ihrem unmittelbar physischen.», MARX-ENGELS, *Die deutsche Ideologie* (1845-1846), I, A; MEW, vol. 3, p. 26.

É igualmente a partir deste enfoque materialista aprofundado que se compreende a crítica dos posicionamentos que se atêm à mera fenomenalidade imediatamente aparente:

«Que no fenómeno [*in der Erscheinung*] as coisas se expõem frequentemente às avessas [de modo invertido, *verkehrt*] é mais ou menos [familiarmente] conhecido [*bekannt*] em todas as ciências, excepto na Economia política.» – «Daß in der *Erscheinung* die Dinge sich oft verkehrt darstellen, ist ziemlich in allen Wissenschaften bekannt, außer in der politischen Oekonomie.», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1867*, I, 5, 4, a; MEGA², vol. II/5, p. 435.

Como já Hegel *dialecticamente* lembrava, «a essência tem que aparecer» (*das Wesen muß erscheinen*), porque não há «nada no fenómeno que não [esteja] na essência, e, inversamente, [não há] nada na essência que não esteja no fenómeno» – «nichts in der Erscheinung, was nicht im Wesen, und umgekehrt nichts im Wesen, was nicht in der Erscheinung ist», HEGEL, *Logik für die Mittelklasse* (1810-1811), § 47; TW, vol. 4, p. 175.

A «essência» não é um enigma, ou uma entidade vaporosa, que se encontre «*por detrás* ou *para além* do fenómeno» – «*hinter* oder *jenseits* der Erscheinung», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften* (1830), § 131; TW, vol. 8, p. 261 –, mas o próprio desenvolvimento das realidades no seu processo contraditório de manifestação.

Marx retém, em base ontológica *materialista*, este entendimento *dialéctico*. E é por isso que

«Toda a ciência seria supérflua se a forma fenoménica [*die Erscheinungsform*] e a essência das coisas coincidissem imediatamente» – «alle Wissenschaft wäre überflüssig, wenn die Erscheinungsform und das Wesen der Dinge unmittelbar zusammenfielen», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg 1894*, III, II, VII, 48, III; MEGA², vol. II/15, p. 792.

(múltipla, e deveniente) em que o próprio real consiste⁶.

E sem dúvida que a Economia – *enquanto* discurso de ideias teorizadas – possui, na sua funcionalidade socio-política própria, um estatuto de representação de interesses e de relações sociais que à sua maneira reflecte⁷, integrando, nesta precisa medida, um domínio «superstrutural» de «formas ideológicas» em que desencontrados sentidos e significações se depositam⁸, desde logo, num quadro vigente

6. Por contraste com a *totalidade determinada* que um qualquer processo forma, a «abstracção» retém apenas alguma ou algumas das determinações que o integram, pelo que compete ao saber recompôr epistemologicamente – e não: «instituir» ontologicamente – a *unidade endógena* do *múltiplo* na sua deveniência:

«O concreto é concreto, porque é a reunião [*die Zusammenfassung*] de muitas determinações; [é] portanto: unidade do diverso. No pensar, ele aparece, por conseguinte, como processo da reunião, como resultado, não como ponto de partida, apesar de ele ser o ponto de partida [efectivamente] real, e, por conseguinte, também o ponto de partida da intuição e da representação. [...]. Hegel vai, por conseguinte, parar à ilusão de apreender o real [*das Reale*] como resultado do pensar que se recolhe em si, que se aprofunda em si, e que a partir de si próprio se move, enquanto o método de subir do abstracto ao concreto é, para o pensar, apenas a maneira de ele se apropriar do concreto, de o reproduzir como um espiritualmente concreto. De modo nenhum é, porém, o processo de génese do próprio concreto.» – «Das Concrete ist concret weil es die Zusammenfassung vieler Bestimmungen ist, also Einheit des Mannigfaltigen. Im Denken erscheint es daher als Prozeß der Zusammenfassung, als Resultat, nicht als Ausgangspunkt, obgleich es der wirkliche Ausgangspunkt und daher auch der Ausgangspunkt der Anschauung und der Vorstellung ist. [...]. Hegel gerieth daher auf die Illusion, das Reale als Resultat des sich in sich zusammenfassenden, in sich vertiefenden, und aus sich selbst sich bewegenden Denkens zu fassen, während die Methode vom Abstrakten zum Concreten aufzusteigen, nur die Art für das Denken ist sich das Concrete anzueignen, es als ein geistig Concretes zu reproduciren. Keineswegs aber der Entstehungsprocess des Concreten selbst.», MARX, *Ökonomische Manuskripte 1857/58*, Einleitung zu den “Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie”, I, 3; MEGA², vol. II/1.1, p. 36.

7. Nestes termos, «a abstracção ou ideia» (*die Abstraktion oder Idee*) não é «nada senão a expressão teórica daquelas relações materiais» (*nichts als der theoretische Ausdruck jener materiellen Verhältnisse*) que estruturam e dominam o viver concreto de uma sociedade determinada. Cf. MARX, *Ökonomische Manuskripte 1857/58*, Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie. Erster Teil, II, Entstehung und Wesen des Geldes; MEGA², vol. II/1.1, pp. 96-97.

A vivência do mundo não se processa na virgindade imaculada de um acesso directo originário, nem numa redoma de intimismos umbilicais. Toda ela se encontra *mediada* por um retorcido entramado social de relacionalidades (efectivas, e *representadas*).

8. «Sobre as formas várias da propriedade, das condições sociais de existência, ergue-se toda uma superestrutura [*ein Ueberbau*] de sentimentos [*Empfindungen*], ilusões, modos de pensar [*Denkweisen*], e visões da vida [*Lebensanschauungen*]: vários, e peculiarmente configurados. A classe inteira cria-os, e configura-os, a partir das suas bases materiais [de vida] e das relações sociais que lhes correspondem. O indivíduo singular, a quem eles afluem por tradição e educação, pode imaginar que eles formam os fundamentos de determinação propriamente ditos [*die eigentlichen Bestimmungsgründe*], e o ponto de partida, do seu agir. [...]. E, assim como, na vida privada, se diferencia entre aquilo que um ser humano de si próprio opina e diz, e aquilo que ele, de um modo [efec-

por Marx constatado, onde «o economista político» (*der politische Ökonom*) se apresenta como «o ideólogo» (*der Ideolog*) do «capitalista» (*Kapitalist*)⁹, ou, para recordar expressões que figuram na *Miséria da Filosofia*: onde «os economistas» (*les économistes*) constituem «os representantes científicos da produção burguesa» (*les représentants scientifiques de la production bourgeoise*)¹⁰.

Certamente, os parâmetros e as linhas que acabo sumariamente

tivamente] real, é e faz, também, e ainda mais, nas lutas históricas, tem que se diferenciar as frases e imaginações dos partidos, da sua organização [efectivamente] real e dos seus interesses [efectivamente] reais, [tem que se diferenciar] a sua representação [*Vorstellung*] da sua realidade [*Realität*].» – «Auf den verschiedenen Formen des Eigenthums, der sozialen Existenzbedingungen, erhebt sich ein ganzer Ueberbau verschiedener und eigenthümlich gestalteter Empfindungen, Illusionen, Denkweisen und Lebensanschauungen. Die ganze Klasse schafft und gestaltet sie aus ihren materiellen Grundlagen heraus und aus den gesellschaftlichen Verhältnissen, die ihnen entsprechen. Das einzelne Individuum, dem sie durch Tradition und Erziehung zufließen, kann sich einbilden, daß sie die eigentlichen Bestimmungsgründe und den Ausgangspunkt seines Handelns bilden. [...]. Und wie man im Privatleben unterscheidet zwischen dem, was ein Mensch von sich meint und sagt, und dem, was er wirklich ist und thut, so muß man noch mehr in geschichtlichen Kämpfen die Phrasen und Einbildungen der Parteien von ihrer wirklichen Organisation und ihren wirklichen Interessen, ihre Vorstellung von ihrer Realität unterscheiden.»; MARX, *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte* (1852), III; MEGA², vol. I/11, respectivamente, pp. 121-122 e 122.

Para um entendimento correcto do que pretendo significar, tenha-se em conta que é preciso distinguir a *economia* – enquanto base material determinante das formas históricas de um viver societário e das ideias que lhe correspondem – e o discurso *teórico*, em doutrina *económica* vertido, que, como tal, também releva da esfera dos ideatos em geral:

«Com a modificação [*die Veränderung*] da base económica, toda a enorme superestrutura [*die ganze ungeheure Ueberbau*] se revoluciona, mais lenta ou mais rapidamente. Na consideração de tais revolucionamentos, tem continuamente que se diferenciar entre o revolucionamento material nas condições económicas de produção (a constatar fielmente de um modo científico-natural) e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas, ou filosóficas, em suma: [as] formas ideológicas, em que os seres humanos se tornam conscientes desse conflito, e o dirimem [*ausfechten*].» – «Mit der Veränderung der ökonomischen Grundlage umwälzt sich der ganze ungeheure Ueberbau langsamer oder rascher um. In der Betrachtung solcher Umwälzungen muß man stets unterscheiden zwischen der materiellen naturwissenschaftlich treu zu konstatirenden Umwälzung in den ökonomischen Produktionsbedingungen und den juristischen, politischen, religiösen, künstlerischen oder philosophischen, kurz ideologischen Formen, worin sich die Menschen dieses Konflikts bewußt werden und ihn ausfechten.»; MARX, *Zur Kritik der politischen Ökonomie. Ersts Heft* (1859), Vorwort; MEGA², vol. II/2, p. 101.

9. Cf. MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1867*, I, 6, 1, a; MEGA², vol. II/5, p. 463.

10. Cf. MARX, *Misère de la Philosophie. Réponse à la Philosophie de la Misère de M. Proudhon* (1847), II, § 1, 7; *Oeuvres. Économie*, ed. Maximilien Rubel (doravante: O), Paris, Éditions Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1965, vol. I, p. 91.

de referir, nos seus contornos genéricos, desenham uma moldura possível de enquadramento para a abordagem, em termos marxistas, do tema da radicação *económica* do *ideológico*, ou da implicação *ideológica* do pensamento *económico*.

No entanto – e esse será o meu assunto nesta fala –, talvez que estes elementos, presentes embora na contextura (e dela, a não descartar), se mostrem insuficientes para entender *precisamente* aquilo que Marx pretende transmitir quando recorre ao composto «Economia *ideológica*».

§ 2. O texto e a circunstância.

Comecemos, então, por recordar a circunstância e o teor da referida formulação.

Como é conhecido, por 1880, Marx e Engels dedicaram uma especial atenção aos desenvolvimentos político-partidários do socialismo em França. Designadamente, no que diz respeito às movimentações organizativas encabeçadas por Jules Guesde e Paul Lafargue¹¹ em torno do «Parti Ouvrier Français», num ambiente de acendida luta contra o hegemonismo grassante de orientações de pendor anarquista.

Marx redige os considerandos, publicados em *Le Précurseur*, de um programa mínimo onde, pelas inegáveis perspectivas de combate e de mobilização que abre, «o sufrágio universal» (*le suffrage universel*) se veja transformado «de instrumento de burla, que até aqui tem sido, em instrumento de emancipação» (*d'instrument de duperie qu'il a été*

11. Veja-se, por exemplo: MARX, *Brief an Friedrich Adolph Sorge, 5. November 1880*; MEW, vol. 34, pp. 474-478.

jusqu'ici en instrument d'émancipation)¹², e propõe enriquecimentos, de diversa índole, ao projecto de Manifesto que Lafargue preparara¹³.

Engels selecciona, como escrito autónomo, algumas secções do *Anti-Dühring* de 1878, que aparecerão, traduzidas por Lafargue, primeiro, em diversos números de *La Revue socialiste*, e, depois, no mesmo ano de 1880, como brochura, a que foi dado o título: *Socialisme utopique et socialisme scientifique*¹⁴.

No âmbito destas intervenções, que estavam dirigidas a um meio que pouca propensão revelava para assumir com seriedade o estudo económico das realidades¹⁵, Marx vai apoiar uma reedição da

12. Cf. MARX, *Considérants du Programme socialiste (Projet)* (1880); MEGA², vol. I/25, p. 208.

13. Vejam-se as anotações de Marx que acompanham: Paul LAFARGUE, *Projet de Manifeste du Parti Ouvrier Français* (1880); MEGA², vol. I/25, pp. 468-486.

14. Depois de historiar as circunstâncias alemãs que o levaram a ter de dar resposta aos ataques desferidos por Eugen Dühring, Engels esclarece:

«A pedido do meu amigo Paul Lafargue, actual representante de Lille na Câmara de Deputados francesa, arranjei três capítulos desse livro [do *Anti-Dühring*] como um panfleto, que ele traduziu e publicou em 1880, com o título: *Socialisme utopique et socialisme scientifique*.» – «At the request of my friend, Paul Lafargue, now representative of Lille in the French Chamber of Deputies, I arranged three chapters of this book as a pamphlet, which he translated and published in 1880, under the title: *Socialisme utopique et socialisme scientifique*.», ENGELS, *Introduction to the English Edition (1892) of "Socialism: Utopian and Scientific"*, *Collected Works*, ed. Eric Hobsbawm e outros, New York, International Publishers, 1990, vol. 27, p. 281.

Veja-se o respectivo texto em: ENGELS, *Socialisme utopique et socialisme scientifique* (1880); MEGA², vol. I/27, pp. 545-580.

15. Poucos anos volvidos, Engels relata, deste modo, uma situação ainda persistente:

«A massa, em Paris, é "socialista", no sentido de um socialismo mediano [*ein Durchschnittssozialismus*], bastante neutro, destilado no curso dos anos a partir de Proudhon, de Louis Blanc, de Pierre Leroux, etc. A única experiência de comunismo que eles tiveram foi com a utopia de Cabet, que terminou numa colónia-modelo na América, quer dizer: com a fuga de França, e com querelas e [uma] semi-bancarota na América. [...]. Mesmo a edição francesa do "*Kapital*" é para eles um livro enigmático [literalmente: com sete selos, como o *Apocalypse* (cf. 5, 1)]; não só para eles [para os operários], [mas] também para a massa dos cultos. [...]. O entendimento da teoria, mesmo entre os dirigentes, é ainda bastante imperfeito, e, se tu conhecesses Paris, verias quão facilmente lá se vive e faz agitação, mas como é difícil trabalhar lá seriamente [*ernstlich*].» – «Die Masse in Paris ist "sozialistisch" im Sinne eines aus Proudhon, Louis Blanc, Pierre Leroux usw. im Lauf der Jahre herausdestillierten ziemlich neutralen Durchschnittssozialismus. Die einzige Erfahrung, die sie mit dem Kommunismus gemacht haben, war die mit der Cabetschen Utopie, die in einer Musterkolonie in Amerika, d. h. mit der Flucht aus Frankreich und mit Zank und halben Bankerott in Amerika endete. [...]. Selbst die französische Ausgabe des "*Kapital*" ist ihnen ein Buch mit sieben Siegeln; nicht nur ihnen, auch der Masse der Gebildeten. [...]. Das Verständnis der Theorie selbst bei den Führern ist noch ziemlich unvollkommen, und wenn Du Paris kennst,

Miséria da Filosofia, apresentada como contendo «os germes da teoria desenvolvida, depois de vinte anos de trabalho, em *O Capital*» – «les germes de la théorie développée après vingt ans de travail dans *Le Capital*»¹⁶.

E é no texto destinado a prefaciá-la obra que deparamos com a expressão, a cujo esclarecimento nos iremos referir:

«Para franquear [*frayer*] o caminho ao socialismo crítico e materialista – que não quer senão fazer compreender o desenvolvimento real, histórico, da produção social – era preciso romper rudemente com a economia ideológica [*l'économie idéologique*], de que Proudhon, sem saber [*à son insu*], era a última encarnação.»¹⁷.

§ 3. *Um silêncio compreensível.*

O preâmbulo (sem a assinatura de Marx) que contém a afirmação que acabámos de citar saiu em *L'Égalité. Organe collectiviste*

so würdest Du einsehn, wie leicht sich dort leben und agitiert, aber wie schwer sich dort ernstlich arbeitet.», ENGELS, *Brief an August Bebel*, 28. Oktober 1885; MEW, vol. 36, p. 378.

16. Cf. MARX, *La Misère de la Philosophie. Avant-propos* (1880); MEGA², vol. I/25, p. 198.

Como Engels não deixará de precisar, no prefácio da primeira edição alemã deste livro: «Quase não é preciso fazer notar que o modo de expressão empregue neste escrito não concorda totalmente com o do “Capital”. Assim, fala-se aí ainda do *trabalho* [*Arbeit*] como mercadoria, da compra e venda do trabalho, em vez de [se falar] da força de trabalho [*Arbeitskraft*].» – «Es ist wohl kaum nötig, darauf aufmerksam zu machen, daß die in dieser Schrift gebrauchte Ausdrucksweise nicht ganz mit der des “Kapital” stimmt. So wird hier noch von der *Arbeit* als Ware, von Kauf und Verkauf der Arbeit gesprochen, statt der *Arbeitskraft*.», ENGELS, *Vorwort zur ersten deutschen Ausgabe von Karl Marx' Schrift “Das Elend der Philosophie”* (1885); MEW, vol. 21, p. 187.

É sabido que esta distinção é decisiva para um entendimento cabal da «mais-valia» (*Mehrwert*), enquanto «trabalho não-pago» (*unbezahlte Arbeit*) que o capitalista mete ao bolso de graça, sob a forma de «lucro» (*Profit*). Veja-se, por exemplo: MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1867*, I, III, 1; MEGA², vol. II/5, pp. 143-144.

17. «Pour frayer le chemin au socialisme critique et matérialiste, qui ne veut que faire comprendre le développement réel, historique, de la production sociale, il fallait rompre rudement avec l'économie idéologique, dont Proudhon, à son insu, était la dernière incarnation.», MARX, *La Misère de la Philosophie. Avant-propos* (1880); MEGA², vol. I/25, p. 198.

révolutionnaire – uma revista editada em Paris por Jules Guesde, com a colaboração de Paul Brousse e de Lafargue –, no nº 12, de 7 de Abril de 1880¹⁸, mas não é retido nos apêndices textuais que Engels ajudou a preparar, quer para a segunda edição francesa integral¹⁹, quer para a primeira tradução alemã publicada²⁰.

Esta ausência permitirá compreender o prolongado silêncio dos comentadores acerca da formulação.

No entanto, a matéria que lhe determina o teor subsiste: no texto inicial de 1847, na problemática que ventila, e nos debates a que deu ocasião, desenvolvidos, sobretudo, no âmbito de agremiações operárias e de correntes socialistas²¹.

Como subsídio ilustrativo, limito-me a três indicações telegráficas:

Logo em Setembro de 1847, numa circular da Direcção da Liga dos Comunistas, a *Miséria da Filosofia* – que erroneamente se supunha estar já traduzida para alemão – é recomendada como esclarecedor antídoto contra «as ideias falsas» (*die falschen Ideen*) propagadas pelos

18. A reimpressão integral do texto da *Misère de la Philosophie* não se veio a completar. Sairam apenas «três fatias» (*trois tranches*). Cf. Bert ANDRÉAS, «Marx et Engels et la gauche hégélienne», X, *Annali dell'Istituto Giangiacomo Feltrinelli*, Milano, 7 (1964-1965), pp. 466-467.

19. Cf. MARX, *Misère de la philosophie. Réponse à la Philosophie de la Misère de M. Proudhon. Avec une préface de Friedrich Engels*, Paris, V. Giard & E. Brière Libraires-éditeurs, 1896.

20. Cf. MARX, *Das Elend der Philosophie. Antwort auf Proudhons "Philosophie des Elends". Deutsch von E. Bernstein und K. Kautsky. Mit Vorwort und Noten von Friedrich Engels*, Stuttgart, Druck und Verlag von J. H. W. Dietz, 1885.

21. Nos meios adversos à reforma social – e aos posicionamentos de Proudhon, em particular –, a *Miséria da Filosofia* parece não ter tido eco imediato, nem menção assinalada. Vejamos, por exemplo: Saint-René TAILLANDIER, «L'athéisme allemand et le socialisme français. M. Charles Grün et M. Proudhon», *Revue des Deux Mondes*, 18 (1848), n. série, t. XXIV, pp. 280-322; Alfred SUDRE, *Histoire du Communisme, ou Réfutation historique des utopies socialistes*, XVIII, II – Paris, Victor Lecou Éditeur (doravante: HC), 1848, pp. 429-465 –; ou Adolphe THIERS, *De la Propriété. Édition augmentée des Discours sur le droit au travail et sur le crédit foncier*, Bruxelles, Meline, Cans et Compagnie, 1848.

simpatizantes de Proudhon e de Karl Grün no seio da organização²².

Em 1849, num artigo saído na *Neue Deutsche Zeitung* de Frankfurt am Main, Ernst Dronke, apoiando-se no texto e nas perspectivas de Marx, repudia a oposição de Proudhon a uma via política *revolucionária*, e desmonta-lhe o pretensão socialismo que arvorava como não indo além de uma mera «Ideia» ficcionada²³.

E, em 1887, Benoît Malon, adversário de Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores (e, pelos ditos, não arrependido²⁴), saúda agora «a esmagadora refutação» (*l'écrasante réfutation*) das

22. «Exortamos os partidários de Proudhon e de Grün a lerem o livro “*Misère de la philosophie*” de Marx – que, como ouvimos, está também traduzido em alemão –, e verão que o Estado de igualdade [*der Gleichheitsstaat*], pelo qual anseiam com muitas palavras e rodeios, não é nenhum outro senão o [Estado] hodierno. Assim, anda-se à volta num círculo falso de ideias [*in einem falschen Ideenkreis*], e, no fim, torna-se a chegar aonde anteriormente se estava.» – «Wir fordern die Anhänger des Proudhon und Grün auf, das Buch: “*Misère de la philosophie*” von Marx zu lesen, das, wie wir hören, auch ins Deutsche übersetzt ist, und sie werden ansehen, daß ihr Gleichheitsstaat, den sie mit vielen Worten und Umschweifen verlangen, kein anderer als der heutige ist. So dreht man sich in einem falschen Ideenkreis herum und kömmt am Ende wieder da an, wo man früher war.», *Ansprache der Zentralbehörde des Bundes der Kommunisten an den Bund* (1847); *Der Bund der Kommunisten. Dokumente und Materialien*, ed. Herwig Förder, Martin Hundt, Jefim Kandel, e Sofia Lewiowa, Berlin, Dietz Verlag, 1983², vol. I, p. 536.

23. «Com o socialismo, com as chamadas “Ideias” do mestre [*Maitre*] Proudhon, passa-se o mesmo. Este socialismo não tem nada a ver com a revolução, sobretudo, não [tem] mesmo nada [a ver] com a “política”: o socialismo do mestre Proudhon é uma “Ideia”, uma ficção.» – «Mit dem Sozialismus, mit den sog. “Ideen” des Maitre Proudhon ist es ebenso bestellt. Dieser Sozialismus hat nichts mit der Revolution, überhaupt gar nichts mit der “Politik” zu tun; der Sozialismus des Maitre Proudhon ist eine “Idee”, eine Fiktion.»; Ernst DRONKE, *Zur Geschichte des Elends der Philosophie* (1849), 2; *Marx-Engels Jahrbuch*, Berlin, 9 (1986), pp. 338-339.

A *Neue Deutsche Zeitung* era editada por Heinrich Otto Lüning, afecto às teses do «socialismo verdadeiro» sentimentalmente tingidas por um feuerbachianismo grüniiano, e em trânsito para posições «democráticas» caras ao nacional-liberalismo.

É o que permite compreender a ironia de um desabafo coevo, comunicado a Engels a propósito desta peça:

«A malícia do pequeno Dronke contra Proudhon torna-se realmente cómica [sendo publicada] nesta folha» – «Die Malice des kleinen Dronke gegen Proudhon macht sich wirklich komisch in diesem Blatte», Eduard ROSENBLUM e Max Joseph BECKER, *Brief an Engels*, 27. Dezember 1849; MEGA², vol. III/3, p. 434.

24. Os «pesados erros» (*lourdes fautes*) de Marx em 1872 teriam consistido numa «d direcção demasiado autoritária da *Internacional*, que disso teria morrido» – «direction trop autoritaire de l’*Internationale* qui en mourut», Benoît MALON, «Karl Marx et Proudhon», *La Revue Socialiste*, Paris, t. V (1887), p. 16.

Contradictions économiques de Proudhon²⁵, que põem em causa «o valor das afirmações económicas dele» (*la valeur de ses affirmations économiques*) e que, não sem alguma ambiguidade no contexto, o associam a uma certa «fraseologia francesa» (*phraséologie française*)²⁶.

Pretender aclarar – a partir de fragmentos tão frágeis e dispersos – o sentido da expressão «economia ideológica» não me parece um exercício que consiga eximir-se aos trejeitos característicos de uma interpretação «atmosférica», por algum eruditismo desgarrado assistida.

§ 4. Uma explicação lateralizante?

O meu desconhecimento da literatura secundária sobre este preciso tema – nas redondezas, provavelmente, existente, e vicejante – leva a ter de confessar que o único ensaio de explicação sucinta com que me deparei consta de uma nota que os editores da nova MEGA (no que ao volume em apreço toca: um colectivo internacional dirigido por Herbert Schwab, e integrando Eva Katzer, Peer Kösling, Kurt Kozianka, Lew Goldman, Galina Golowina e Waldtraut Opitz) introduzem, quanto a esta entrada, no respectivo aparato crítico:

«Economia ideológica [*économie idéologique*]. Significa isto a teoria económica que tinha surgido em Inglaterra, na base da doutrina burguesa clássica de David Ricardo e que, em França, na esteira [*in der Nachfolge*] de Claude Henri de Saint-Simon e de Charles Fourier, tinha encontrado o seu cunho mais radical [*radikalste Ausprägung*] nas concepções [*Auffassungen*] de Louis Blanc e, sobretudo [*vor allem*], de

25. Cf. MALON, «Karl Marx et Proudhon», *La Revue Socialiste*, Paris, t. V (1887), p. 15.

26. Cf. MALON, «Karl Marx et Proudhon», *La revue Socialiste*, Paris, t. V (1887), p. 22.

Pierre-Joseph Proudhon.»²⁷.

Se entendo bem o teor efectivo da anotação, o que parece estar *centralmente* em causa é um ponto específico de doutrina:

A leitura «igualitarista» que, a partir de Ricardo²⁸, certos regeneradores sociais faziam, a propósito das realidades inglesas ao tempo vigentes, e com a qual imaginavam «reformular a sociedade, transformando todos os homens em trabalhadores imediatos, trocando quantidades de trabalho iguais» (*réformer la société, transformant tous les hommes en travailleurs immédiats, échangeant des quantités de travail égales*)²⁹.

27. «*économie idéologique*] Gemeint ist die ökonomische Theorie, die in England auf der Grundlage der klassischen bürgerlichen Lehre David Ricardos entstanden war und in Frankreich, in der Nachfolge Claude Henri de Saint-Simons und Charles Fouriers, in den Auffassungen von Louis Blanc und vor allem Pierre-Joseph Proudhons ihre radikalste Ausprägung gefunden hatte.», *Erläuterungen*, MEGA², vol. I/25, p. 794.

28. Cf., por exemplo: David RICARDO, *The Principles of Political Economy and Taxation* (1817, 1821³), I, 4 e 5; ed. Donald Winch, London - New York, J. M. Dent & Sons – E. P. Dutton & Co. (Everyman's Library), 1973, pp. 18-27.

29. A formulação encontra-se em: MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), I, § 2; O, vol. I, p. 42. De facto, o irlandês William Thompson, por exemplo, sintetizava as suas «leis naturais da distribuição» (Natural Laws of Distribution) nos seguintes princípios:

«Primeiro: Todo o trabalho deve ser livre e voluntário, quanto à sua direcção e continuidade. Segundo: Todos os produtos de trabalho devem ser assegurados aos produtores deles. Terceiro: Todas as trocas desses produtos devem ser livres e voluntárias.» – «First. All labor ought to be free and voluntary, as to its direction and continuance. Second. All the products of labor ought to be secured to the producers of them. Third. All exchanges of these products ought to be free and voluntary.», William THOMPSON, *An Inquiry into the Principles of the Distribution of Wealth most conducive to Human Happiness; applied to the newly proposed System of Voluntary Equality of Wealth*, I, 15; London, Longman, 1824, p. 178.

E em apoio das suas propostas de remédio para «os males» (the Wrongs) que afligiam as classes trabalhadoras no sistema instalado, o norte-americano John Francis Bray, então a viver em Inglaterra, adiantava:

«Aquilo que agora é chamado lucro e juro não pode existir, como tal, em conexão com [uma] igualdade de trocas [equality of exchanges]; porque produtor e distribuidor seriam remunerados da mesma maneira [alike], e a soma total do trabalho deles determinaria o valor do artigo criado e trazido para as mãos do consumidor. O princípio de trocas iguais, pela sua própria natureza, tem, por conseguinte, que assegurar trabalho universal; será, conseqüentemente, destruidor dessa grande úlcera social: a manutenção de uma classe a expensas de outra.» – «That which is now called profit and interest cannot exist, as such, in connection with equality of exchanges; for producer and distributor would be alike remunerated, and the sum total of their labour would determine the value of the article created and brought to the hands of the consumer. The prin-

philosophy @LISBON

Marx detecta nestas visões o antepassado próximo das prospectivas *mutualistas* de que Proudhon se enfeita³⁰, desmanchando entretanto – no arquétipo, e na cópia – os ilusórios prazeres distributivos que não cuidam de remover o modo de produção que lhes determina o viso e as modalidades³¹.

E Engels – entre outros³² – volta a chamar a atenção para este

ciple of equal exchanges, therefore, must, from its very nature, ensure universal labour – it will consequently be destructive of that great social ulcer, the maintenance of one class at the expense of another», John Francis BRAY, *Labour's Wrongs and Labour's Remedy; or, The Age of Might and the Age of Right*, VIII; Leeds, David Green, 1839, pp. 109-110.

30. Proudhon, permanecendo às escuras no tocante à «base do todo» (*Grundlage des Ganzes*), converteu «a interpretação utópica da teoria do valor de Ricardo» (*die utopische Auslegung der Ricardo'schen Werth-Theorie*) em fundamento de uma pretensa «ciência nova» (*neue Wissenschaft*). Cf. MARX, *Über P.-J. Proudhon. Brief an Johann Baptist von Schweitzer* (1865); MEGA², vol. I/20, p. 63.

Veja-se, anteriormente: MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), I, § 2; O, vol. I, pp. 43-51.

31. Como em qualquer questão, sondar as estruturas fundantes do que imediatamente aparece torna-se imprescindível:

«É do modo de troca das forças produtivas que depende o modo de troca dos produtos. Em geral, a forma da troca dos produtos corresponde à forma da produção. [...]. A troca individual corresponde também a um modo de produção determinado, que, ele próprio, responde ao antagonismo das classes. Assim, não [há] troca individual sem antagonismo das classes. Mas as consciências honestas recusam esta evidência. Enquanto se fôr burguês, não se pode senão ver nesta relação de antagonismo uma relação de harmonia e de justiça eterna, que não permite a ninguém fazer-se valer à custa de outrem. Para o burguês, a troca individual pode subsistir sem o antagonismo das classes: para ele, são duas coisas completamente díspares.» – «C'est du mode d'échange des forces productives que dépend le mode d'échange des produits. En général, la forme de l'échange des produits correspond à la forme de la production. [...]. L'échange individuel correspond aussi à un mode de production déterminé, qui, lui-même, répond à l'antagonisme des classes. Ainsi pas d'échange individuel sans l'antagonisme des classes. Mais les consciences honêtes se refusent à cette évidence. Tant qu'on est bourgeois, on ne peut faire autrement que de voir dans ce rapport d'antagonisme un rapport d'harmonie et de justice éternelle, qui ne permet à personne de se faire valoir aux dépens d'autrui. Pour le bourgeois, l'échange individuel peut subsister sans l'antagonisme des classes: pour lui ce sont deux choses tout à fait disparates.», MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), I, § 2; O, vol. I, p. 50.

32. Nas diatribes «anti-comunistas» com que se entretém, Alfred Sudre não deixa de apontar:

«O próprio banco de troca [*banque d'échange*] não tem nada de novo. Diversos projectos de estabelecimentos desta natureza – melhor combinados, e, sobretudo, mais claramente explicados, do que o do sr. Proudhon – foram de há muito propostos e ensaiados em França e em Inglaterra. As tentativas de realização de que foram objecto nunca chegaram senão a abortos. Lembremos, entre outros exemplos, o *national labour*, [a] *equitable exchange*, e os armazens cooperativos, fundados em Inglaterra, com o concurso do sr. Robert Owen. Aí, o numerário era substituído por um papel-moeda, cuja unidade se chamava hora de trabalho. Os associados do banco de troca recebiam, em representação dos seus produtos, aceites segundo uma tarifa determinada, uma certa soma de horas de trabalho, que podiam trocar, nos depósitos ou armazens cooperativos, pelos objectos de consumo fabricados pelos outros membros da sociedade. É o sis-

património oculto de inspirações no prefácio de 1885, a propósito da reduzida originalidade daquilo de que o economista prussiano Johann Karl Rodbertus-Jagetzow se reclamava criador³³, e da imprescindível ponderação de como o pensamento crítico de Marx não arranca de, nem se perfaz em, abstractas exigências de «moralidade» e de «Justiça»³⁴.

tema todo do sr. Proudhon.» – «La banque d'échange elle-même n'a rien de nouveau. Divers projets d'établissements de cette nature mieux combinés, et surtout plus clairement expliqués que celui de M. Proudhon, ont été depuis longtemps proposés et essayés en France et en Angleterre. Les tentatives de réalisation dont ils ont été l'objet n'ont jamais abouti qu'à des avortements. Rappelons, entre autres exemples, le *national labour, equitable exchange*, et les magasins coopératifs, fondés en Angleterre, avec le concours de M. Robert Owen. Là, le numéraire était remplacé par un papier monnaie dont l'unité s'appelait heure de travail. Les associés de la banque d'échange recevaient, en représentation de leurs produits, acceptés d'après un tarif déterminé, une certaine somme d'heures de travail, qu'ils pouvaient échanger, dans les dépôts ou magasins coopératifs, contre les objets de consommation fabriqués par les autres membres de la société. C'est tout le système de M. Proudhon.», SUDRE, *Histoire du Communisme* (1848), XVIII, II; HC, p. 462.

33. Quando, em 1842, Rodbertus tirou «consequências socialistas» (*sozialistische Konsequenzen*) dos enunciados de Ricardo, nessa altura, isso era «seguramente» (*sicherlich*), para um alemão, «um muito significativo passo em frente» (*ein sehr bedeutender Schritt vorwärts*), mas, «no máximo» (*höchstens*), só para a Alemanha é que isso podia valer «como descoberta nova» (*als neue Entdeckung*), o que Marx, a propósito de Proudhon, já tinha mostrado. Cf. ENGELS, *Vorwort zur ersten deutschen Ausgabe von Karl Marx' Schrift "Das Elend der Philosophie"* (1885); MEW, vol. 21, p. 176.

O dispositivo da argumentação segue aqui linhas que Marx utilizara em 1865:

«Vê-se que, mesmo onde só algo de velho [*nur Altes*] é reproduzido, Proudhon [o] acha autonomamente; [vê-se] que aquilo que ele diz, para ele próprio, era novo, e valia como novo.» – «Man sieht, daß selbst da, wo nur Altes reproducirt wird, Proudhon selbständig findet; daß das, was er sagt, ihm selbst neu war und als neu gilt.», MARX, *Über P.-J. Proudhon. Brief an Johann Baptist von Schweitzer* (1865); MEGA², vol. I/20, p. 60.

A árvore genealógica dos «descobrimentos» de Proudhon – em articulação, de novo, com as pretensões de Rodbertus – é ainda objecto de referência sumária no prefácio ao Livro Segundo de *O Capital*: ENGELS, *Vorwort* (1885), in MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Zweiter Band. Hamburg 1885*; MEGA², vol. II/13, p. 16.

34. Pelas suas implicações de dialéctica materialista, vale a pena meditar neste troço:

«Segundo as leis da economia burguesa, a maior parte do produto *não* pertence aos operários que o engendraram. Quando nós dizemos: isto é injusto, isto não deve ser, isso não diz, antes do mais, respeito à economia. Dizemos meramente que esse facto económico contradiz o nosso sentimento moral. Marx, por conseguinte, nunca fundou nisto as suas reivindicações comunistas, mas sobre o necessário desmoronamento [*Zusammenbruch*] – que se completa diariamente cada vez mais sob os nossos olhos – do modo capitalista de produção; ele diz apenas que a mais-valia consiste em trabalho não-pago, o que é um simples facto. Porém, aquilo que, do ponto de vista económico [*ökonomisch*], é formalmente falso pode, contudo, do ponto de vista histórico-mundial, ser correcto. Se a consciência ética [*das sittliche Bewußtsein*] da massa declarar injusto [*unrecht*] um facto económico – como, no tempo deles, a escravatura ou o trabalho servil –, isso é uma prova de que o próprio facto se tornou já obsoleto, de que entraram [em cena] outros factos económicos, por força dos quais aquele se tornou insuportável e insustentável. Portanto, por detrás da incorrecção económica formal pode estar oculto um conteúdo económico muito verdadeiro.» – «Nach den Gesetzen der bürgerlichen Ökonomie gehört der größte Teil des Produkts *nicht* den Arbeitern, die es erzeugt philosophy @LISBON

Quanto às intermediações de Saint-Simon e de Fourier, elas fazem decerto parte de um equipamento cultural, cuja recepção por Louis Blanc ou por Proudhon não é de todo linear. Cada um, à sua maneira, tira deles proveito, critica-lhes as insuficiências, e pouco inclinado está ao reconhecimento das dívidas³⁵.

No entanto, a universalidade do trabalho era um nítido desiderato estruturante que Saint-Simon reclamava³⁶, e o amplexo *organizativo* de Louis Blanc, protegendo a finança, apenas condescende em que os capitalistas embolsem o lucro «na qualidade de trabalhadores» (*en*

haben. Sagen wir nun: das ist unrecht, das soll nicht sein, so geht das die Ökonomie zunächst nichts an. Wir sagen bloß, daß diese ökonomische Tatsache unserm sittlichen Gefühl widerspricht. Marx hat daher nie seine kommunistischen Forderungen hierauf begründet, sondern auf den notwendigen, sich vor unsern Augen täglich mehr und mehr vollziehenden Zusammenbruch der kapitalistischen Produktionsweise; er sagt nur, daß der Mehrwert aus unbezahlter Arbeit besteht, was eine einfache Tatsache ist. Was aber ökonomisch formell falsch, kann doch weltgeschichtlich richtig sein. Erklärt das sittliche Bewußtsein der Masse eine ökonomische Tatsache, wie seinerzeit die Sklaverei oder die Frohnarbeit, für unrecht, so ist das ein Beweis, daß die Tatsache selbst sich schon überlebt hat, daß andere ökonomische Tatsachen eingetreten sind, kraft deren jene unerträglich und unhaltbar geworden ist. Hinter der formellen ökonomischen Unrichtigkeit kann also ein sehr wahrer ökonomischer Inhalt verborgen sein.», ENGELS, *Vorwort zur ersten deutschen Ausgabe von Karl Marx' Schrift "Das Elend der Philosophie"* (1885); MEW, vol. 21, p. 178.

35. Duas amostras, quase aleatórias, mas não desprovidas de significado:

«Entre o sistema de Saint-Simon e nosso, não há nada de comum: nem a meta [*but*] final, nem os meios, nem a moral.» – «Entre le système de Saint-Simon et le nôtre il n'y a rien de commun, ni le but final, ni les moyens, ni la morale.», Louis BLANC, *Organisation du Travail* (1839), I, Réponse à diverses objections; Paris, Société de l'Industrie Fraternelle, 1847^o (doravante: OT), p. 166.

Em Agosto de 1848, interrogado acerca dos influxos que de Fourier teria recebido, Proudhon responde:

«Li certamente Fourier, e falei dele, mais de uma vez, nas minhas obras, mas, em suma, não creio dever-lhe nada. Os meus verdadeiros mestres, quero dizer, aqueles que fizeram nascer em mim ideias fecundas, são no número de três: A Bíblia, primeiro; Adam Smith, depois; e, por fim, Hegel.» – «J'ai certainement lu Fourier, et j'en ai parlé plus d'une fois dans mes ouvrages, mais en somme, je ne crois rien lui devoir. Mes vrais maîtres, je veux dire ceux qui ont fait naître en moi des idées fécondes, sont au nombre de trois: La Bible d'abord, Adam Smith ensuite, et enfin Hegel.», depoimento recolhido por Jérôme-Amédée LANGLOIS, «P.-J. Proudhon. Sa vie et son oeuvre», in Pierre-Joseph PROUDHON, *Correspondance*, ed. J.-A. Langlois, Paris, Librairie Internationale A. Lacroix et C^e Éditeurs, 1875, vol. I, p. XXII.

36. «Todos os homens trabalharão» – «Tous les hommes travailleront», Claude-Henri de SAINT-SIMON, *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporains* (1807), II; *Oeuvres Choiesies*, ed. Charles Lemonnier, Bruxelles, Fr. Van Meeren et C^e Imprimeurs, 1859, vol. I, p. 38.

qualité de travailleurs)³⁷.

E o «serialismo apaixonado» de Fourier³⁸, a despeito de repetidas demarcações e até de remoques virolentos³⁹, permanece a montante das jusanas teorizações antagónico-harmonistas tão do agrado de Proudhon⁴⁰, a que um pormenorizado *dialecticismo serial*,

37. «Os capitalistas seriam chamados à associação, e receberiam o juro [*l'intérêt*] do capital por eles entregue, juro esse que lhes estaria garantido no orçamento [*budget*]; mas eles não participariam nos lucros [*bénéfices*] senão na qualidade de trabalhadores.» – «Les capitalistes seraient appelés dans l'association et toucheraient l'intérêt du capital par eux versé, lequel intérêt leur serait garanti sur le budget; mais ils ne participeraient aux bénéfices qu'en qualité de travailleurs.» BLANC, *Organisation du Travail* (1839), I, Conclusion; OT, pp. 104-105.

38. «A teoria das *séries apaixonadas* [*séries passionnées*] ou *seitas progressivas* não é imaginada arbitrariamente, como as nossas teorias sociais. O ordenamento [*l'ordonnance*] destas seitas é em todos os pontos análogo ao das séries geométricas, das quais elas têm todas as propriedades, como a balança de rivalidades entre os grupos extremos e os grupos médios da série.» – «La théorie des *séries passionnées* ou *sectes progressives* n'est pas imaginée arbitrairement comme nos théories sociales. L'ordonnance de ces sectes est en tout point analogue à celle des séries géométriques dont elles ont toutes les propriétés, comme la balance de rivalités entre les groupes extrêmes et les groupes moyens de la série.» Charles FOURIER, *Théorie des Quatre Mouvements et des Destinées Générales* (1808), Discours Préliminaire; ed. Simone Debout-Oleszkiewicz, Paris, Jean-Jacques Pauvert Éditeur, 1967, p. 77.

39. «Fourier, desconhecendo a independência das ordens seriais e imaginando que a semelhança das formas implicava a identidade das leis, abandonou-se, fazendo fé em [*sur la foi de*] analogias mentirosas, aos devaneios [*rêveries*] mais estranhos sobre a criação, o sistema do mundo, a vida futura.» PROUDHON, *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité, ou Principes d'Organisation Politique* (1843), III, § III, n. 216; *Oeuvres Complètes* (doravante: OC), Paris, Librairie Internationale A. Lacroix et C^{ie} Éditeurs, 1873³, vol. III, p. 121.

40. O aparente ternarismo proudhonista tem uma forte carga binária, em que o momento da «síntese» não «resolve», mas *com-põe*.

«Em teoria, nós demonstrámos que a concorrência, pelo seu lado útil, devia ser universal e levada ao seu máximo de intensidade; mas que, sob o seu aspecto negativo, ela deve por toda a parte ser sufocada até ao último vestígio.» – «En théorie, nous avons démontré que la concurrence, par son côté utile, devait être universelle et portée à son maximum d'intensité; mais que, sous son aspect négatif, elle doit être partout étouffée, jusqu'au dernier vestige.» PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques, ou Philosophie de la Misère* (1846), V, § II; OC, vol. IV, p. 202.

Ao enviar o livro a Marx, Proudhon declarara-se pronto a dele «receber a fécula» (*recevoir la férule*): PROUDHON, *Brief an Marx, 17. Mai 1846*; MEGA³, vol. III/2, p. 206.

A palmatoada crítica não tardou:

«Cada relação económica tem um lado bom e um [lado] mau: é o único ponto em que o sr. Proudhon não se desmente. O lado bom, vê-o ele exposto pelos economistas [burgueses]; o lado mau, vê-o denunciado pelos socialistas. Toma de empréstimo aos economistas a necessidade das relações eternas; toma de empréstimo aos socialistas a ilusão de não ver na miséria senão a miséria. Ao querer apelar para a autoridade da ciência, ele está de acordo com uns e com os outros. [...] Ele quer ser a síntese: é um erro composto. Ele quer planar como homem de ciência acima dos burgueses e dos proletários: ele não é senão o pequeno burguês [*le petit bourgeois*], sacudido [*ballotté*] constantemente entre o capital e o trabalho, entre a Economia política e o comunismo.

em formato de «metafísica» elementar, havia servido de roupagem ensaiada⁴¹. Atento às manifestações deste quilate, Marx, por 1845-1846, não deixou de lhe comentar, com a agudeza costumada, o figurino e o recorte⁴².

41. Cf. PROUDHON, *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité* (1843), III, §§ II-VII; OC, vol. III, pp. 97-204.

E, pelo meio, deperamos com algumas considerações instrutivas.

Quanto ao assentamento *subjectivo* da formalidade seriada:

«A série dialéctica forma-se, portanto, em virtude de uma relação de identidade, ou pelo menos de equivalência, que o espírito, de um ponto de vista dado, descobre entre coisas, de resto, díspares e heterogéneas. Demonstrar é percorrer sucessivamente os termos de uma série, e constatar neles a presença dessa relação; para falar a nossa linguagem, é verificar a *razão*; numa palavra, é seriar.» – «La série dialectique se forme donc en vertu d'un rapport d'identité, ou tout au moins d'équivalence, que l'esprit, d'un point de vue donné, découvre entre des choses d'ailleurs disparates et hétérogènes. Démontrer, c'est parcourir successivement les termes d'une série, et constater en eux la présence de ce rapport; pour parler notre langage, c'est vérifier la *raison*; en un mot, c'est sérier.», PROUDHON, *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité*, III, § V, n. 269; OC, vol. III, p. 151.

Quanto ao circuito endógeno das seriações:

«A série é a condição necessária da ordem, da força, da beleza, da vida, do pensamento, da acção: tudo aquilo que falte a esta condição é ruinoso, inorgânico, impotente, não viável, falso. Posto este princípio, é fácil ajuizar *a priori*, e sem esperar pela experiência, do valor de uma hipótese e da verdade de um sistema: basta examinar se essa hipótese, ou esse sistema, satisfazem as leis da série.» – «La série est la condition nécessaire de l'ordre, de la force, de la beauté, de la vie, de la pensée, de l'action: tout ce qui manque à cette condition est ruineux, inorganique, impuissant, non viable, faux. Ce principe posé, il est facile de juger *à priori* et sans attendre l'expérience, de la valeur d'une hypothèse et de la vérité d'un système: il suffit d'examiner si cette hypothèse ou ce système satisfait aux lois de la série.», PROUDHON, *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité*, III, § V, n. 292; OC, vol. III, p. 171.

Quanto às expectáveis contingências do formalismo rigoroso:

«A dialéctica serial é, como a aritmética e a geometria: exacta, rigorosa, infalível na sua marcha; mas também, [tal] como estas últimas, não garante necessariamente o êxito [*le succès*] na aplicação.» – «La dialectique sérielle est, comme l'arithmétique et la géométrie, exacte, rigoureuse, infaillible dans sa marche; mais aussi, comme ces dernières, elle ne garantit pas nécessairement le succès dans l'application.», PROUDHON, *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité*, III, § VI, n. 306; OC, vol. III, p. 189.

Quanto à exemplificada transplantação dos seriados para a esfera político-económica:

«Quando o proletariado diz à classe abastada [*aisée*]: Assim como vós haveis conquistado o poder e a propriedade, também nós nos queremos tornar soberanos e proprietários, que pede ele, se não a extensão até ele de uma série que, começando no rei, passa pela nobreza e [pelo] clero, e se continua na burguesia ou feudalidade industrial?» – «Lorsque le prolétariat dit à la classe aisée: Comme vous avez conquis le pouvoir et la propriété, ainsi nous voulons devenir souverains et propriétaires, que demande-t-il, sinon l'extension jusqu'à lui d'une série qui, commençant au roi, passe par la noblesse et le clergé, et se continue dans la bourgeoisie ou féodalité industrielle?», PROUDHON, *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité*, III, § VI, n. 324; OC, vol. III, p. 203.

42. Numa passagem – por vezes, treslada como «elogio» – Marx mostra ter captado o fundo da intenção proudhoniana que, não chegando aos calcanhares de Hegel, com ele padece de análogas deficiências, no que ao embasamento ontológico respeita.

Quanto ao balanço *político*, as balanças⁴³, tanto a de Louis Blanc como a de Proudhon, segundo sistemas métricos diferenciados, estão afinadas para a «conciliação» reformista⁴⁴.

Rebatendo as visões que Karl Grün propalava, Marx (o texto é dele) explicita:

«O mais importante no livro de Proudhon “De la création de l’ordre dans l’humanité” é a sua dialéctica serial [*dialectique sérielle*]: a tentativa de dar um método do pensar, pelo qual, para o lugar do pensamento autónomo, entre o *processo* de pensar [*der Denkprozeß*]. Proudhon procura, de [um] ponto de vista francês, uma dialéctica, tal como Hegel, de um modo [efectivamente] real, a deu. O parentesco com Hegel está portanto aqui realmente [*realiter*] – não por analogia fantástica – disponível. Era, portanto, fácil fazer uma crítica da dialéctica de Proudhon, se uma pessoa tivesse efectuado [até ao fim] a crítica da [dialéctica] de Hegel. Isto, porém, não era minimamente de pedir aos socialistas verdadeiros, porquanto o filósofo Feuerbach – reivindicado por eles para si – não o tinha conseguido.» – «Das Wichtigste in Proudhons Buch “De la création de l’ordre dans l’humanité” ist seine dialectique sérielle, der Versuch, eine Methode des Denkens zu geben, wodurch an die Stelle der selbständigen Gedanken der Denkprozeß tritt. Proudhon sucht von französischem Standpunkte aus nach einer Dialektik, wie Hegel sie wirklich gegeben hat. Die Verwandtschaft mit Hegel ist hier also realiter vorhanden, nicht durch phantastische Analogie. Hier war es also leicht, eine Kritik der Proudhonschen Dialektik zu geben, wenn man mit der Kritik der Hegelschen fertig geworden war. Dies war aber um so weniger von den wahren Sozialisten zu verlangen, als der von ihnen sich vindizierte Philosoph Feuerbach damit zustande gekommen war.», MARX-ENGELS, *Die deutsche Ideologie* (1845-1846), IV, Proudhon; MEW, vol. 3, p. 519.

43. A metáfora – já ensaiada por Fourier, como vimos – é também proudhoniana:

«Desde Kant, a dialéctica enriqueceu-se com uma figura dantes pouco conhecida, e à qual a balança [*la balance*] parece ter servido de modelo [...]. Consiste em que, dados dois termos antitéticos, da união deles resulta um 3º termo, diferente dos outros dois, e que os resolve por uma espécie de balança ou de equação.» – «Depuis Kant, la dialectique s’est enrichie d’une figure auparavant peu connue, et à laquelle la balance semble avoir servi de modèle [...]. Elle consiste en ce que, deux termes antithétiques étant donnés, il résulte de leur union un 3º terme, différent des deux autres, et les résolvant par une sorte de balance ou d’équation.», PROUDHON, *De la Création de l’Ordre dans l’Humanité* (1843), III, § V, n. 282; OC, vol. III, p. 164.

44. Em clave deontológica, um compromisso solene:

«Reformar a sociedade, sem a transtornar [*bouleverser*]; dar aos interesses uma direcção mais fecunda e mais tutelar, sem abanar [*ébranler*] com uma impaciência selvagem as existências fundadas, mesmo sobre os abusos que se procura destruir; preparar o futuro, numa palavra, sem romper violentamente com todo o passado... é apenas um cálculo? Não: é um dever.» – «Réformer la société, sans la bouleverser; donner aux intérêts une direction plus féconde et plus tutélaire, sans ébranler avec une impatience sauvage les existences fondées même sur les abus qu’on cherche à détruire; préparer l’avenir, en un mot, sans rompre violemment avec tout le passé... est-ce un calcul seulement? Non; c’est un devoir.», BLANC, *Organisation du Travail* (1839, 1847⁵), I, Réponse à diverses objections; OT, p. 172.

Com outro aparato nas carruagens, mas desembarque na mesma estação:

«É assim com toda a economia social. Por toda a parte, a ideia sintética funciona ao mesmo tempo do que os seus elementos antagonistas [...]. Esta fórmula suprema – que em simultâneo [*à la fois*] abarca o passado e o futuro da ciência – deve satisfazer igualmente os interesses sociais e a liberdade individual: conciliar a concorrência e a solidariedade, o trabalho e o monopólio, numa palavra, todas as contradições económicas» – «Il en est ainsi de toute l’économie sociale. Partout l’idée synthétique fonctionne en même temps que ses éléments antagonistes [...]. Cette formule suprême, qui embrasse à la fois le passé et l’avenir de la science, doit satisfaire également

philosophy @LISBON

Sendo que, na vertente socio-económica, Louis Blanc, sempre atencioso à sorte dos operários e às ameaças que sobre o burguês (pequeno) pendem, pretende eliminar a concorrência⁴⁵, enquanto Proudhon – usando, numa sucessão alternada, o jogo de lentes mais apropriado à vista que lhe convém – consegue ver nela um inextinguível clamor de «liberdade», o distintivo emblemático da «democracia igualitária», e até o sustentáculo da própria Associação⁴⁶.

Para abreviar:

A explicação adiantada pelos editores da MEGA² estará – nos traços gerais, e enquanto ilustração genealógica de posicionamentos doutrinários – correcta.

aux intérêts sociaux et à la liberté individuelle; concilier la concurrence et la solidarité, le travail et le monopole, en un mot, toutes les contradictions économiques.», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), IX, § III; OC, vol. V, p. 80.

45. É assim que não poupa esforços e tribulações para provar:

«1º: Que a concorrência é, para o povo, um sistema de exterminação. 2º: Que a concorrência é, para a burguesia, uma causa, que age sem cessar, de empobrecimento e de ruína.» – «1º Que la concurrence est pour le peuple un système d'extermination. 2º Que la concurrence est pour la bourgeoisie une cause sans cesse agissante d'appauvrissement et de ruine.», BLANC, *Organisation du Travail* (1839), I, I; OT, p. 27.

46. Pondo a desconto algumas desastradas inversões no ordenamento causal, e a descoberto a generosa franqueza com que o incenso se vê distribuído, a imagem que deste troço se desprende mostra-se por completo elucidativa:

«A concorrência, como posição ou fase económica, considerada na sua origem, é o resultado necessário da intervenção das máquinas, da constituição da oficina [*atelier*], e da teoria da redução dos custos gerais [*frais généraux*]; considerada na sua significação própria e na sua tendência, ela é o modo segundo o qual se manifesta e se exerce a actividade colectiva, a expressão da espontaneidade social, o emblema da democracia e da igualdade, o instrumento mais enérgico da constituição do valor, o suporte [*le support*] da associação. Como surto [*essor*] das forças individuais, ela é a caução [*le gage*] da liberdade delas, o primeiro momento da harmonia delas, a forma da responsabilidade que as une todas e as torna solidárias.» – «La concurrence, comme position ou phase économique, considérée dans son origine, est le résultat nécessaire de l'intervention des machines, de la constitution de l'atelier et de la théorie de réduction des frais généraux; considérée dans sa signification propre et dans sa tendance, elle est le mode selon lequel se manifeste et s'exerce l'activité collective, l'expression de la spontanéité sociale, l'emblème de la démocratie et de l'égalité, l'instrument le plus énergique de la constitution de la valeur, le support de l'association. Comme essor des forces individuelles, elle est le gage de leur liberté, le premier moment de leur harmonie, la forme de la responsabilité qui les unit toutes et les rend solidaires.», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), V, § III; OC, vol. IV, p. 217.

Interrogo-me, porém, se ela é bastante para dar conta – com rigor teórico, e acuidade no tiro – da *adjectivação precisa* que o composto exige.

As concepções aludidas fazem decerto parte dos acervos de uma «Economia ideológica». São dela exemplo, ou manifestação, no formato avulso de representações propostas.

Mas qual é o vector *constitutivo* que, *nesta acepção e emprego*, confere natureza *ideológica* a um discurso, na eventualidade presente, económico?

Na demanda de um respondimento, talvez convenha dirigir a expedição por um outro caminho.

§ 5. *Outro caminho.*

A fórmula, integrando o *qualificativo* em questão, só aparece tarde. Em 1880.

Mas denota, em intenção semântica de conjunto, uma maneira de proceder no âmbito da Economia de há muito conhecida, e que – designadamente, a partir de certa altura – passou a ser criticada *também* por incorrer no vício que a adjectivação retrata, nos precisos termos que aqui são recuperados.

Para entender a significação do epíteto, será porventura preciso recuar, porém, até um pouco antes de 1847: a uma etapa do itinerário *filosófico* em que Marx e Engels ascendem à plataforma *ontológica* a partir da qual o *materialismo dialecticamente concebido* passará a constituir ferramenta corrente no exame das mais diversas questões sobre que eles se vêm a debruçar.

Sob este ponto de vista, ainda que não sobrevenham quaisquer

referências ao adjetivo que interrogamos, a chave que aproa o rumo a uma decifração de aquilo que só para alguns distraídos poderá parecer um «enigma» encontra-se disponível, logo na entrada do prefácio de Engels à primeira edição alemã.

Reportando-se a um dos batentes da génese da *Miséria da Filosofia* – o outro prende-se com as posições e o relacionamento com Proudhon –, Engels recorda:

«O presente escrito surgiu no Inverno de 1846/1847, num tempo em que Marx tinha chegado a aclarar para si [próprio, *mit sich ins reine gekommen war*] os traços fundamentais [*die Grundzüge*] do seu novo modo de ver histórico e económico [*neue historische und ökonomische Anschauungsweise*].»⁴⁷.

Ou seja, deparamos com uma *articulação* expressa do patamar *ontológico* em que a *crítica* desenvolvida na *Miséria da Filosofia* assenta, com o momento teórico em que para Marx ficou claro que:

«O modo de produção do viver material condiciona o processo social, político, e espiritual, do viver em geral. Não é a consciência dos seres humanos que determina o ser [*das Sein*] deles, mas, ao invés [*umgekehrt*], [é] o seu ser social [que determina] a consciência deles.»⁴⁸.

E, hoje, todos conhecemos o documento em que essas perspectivas ganharam sedimentação. Marx faz ele próprio a narrativa do episódio:

«Friedrich Engels – com quem eu, desde o aparecimento do

47. «Die vorliegende Schrift entstand im Winter 1846/47, zu einer Zeit, wo Marx über die Grundzüge seiner neuen historischen und ökonomischen Anschauungsweise mit sich ins reine gekommen war.», ENGELS, *Vorwort zur ersten deutschen Ausgabe von Karl Marx' Schrift "Das Elend der Philosophie"* (1885); MEW, vol. 21, p. 175.

48. «Die Produktionsweise des materiellen Lebens bedingt den sozialen, politischen und geistigen Lebensproceß überhaupt. Es ist nicht das Bewußtsein der Menschen, das ihr Sein, sondern umgekehrt ihr gesellschaftliches Sein, das ihr Bewußtsein bestimmt.», MARX, *Zur Kritik der politischen Ökonomie. Erstes Heft* (1859), Vorwort; MEGA², vol. II/2, p. 100.

seu genial esquisso para a crítica das categorias económicas (nos *Anais Franco-Alemães*), mantinha um constante intercâmbio de ideias por escrito – tinha, por outro caminho (veja-se a [obra] dele: [A] *situação das classes laboriosas em Inglaterra*), chegado comigo ao mesmo resultado, e, quando, na Primavera de 1845, ele igualmente se instalou em Bruxelas, nós decidimos elaborar em comum a oposição [*der Gegensatz*] da nossa perspectiva [*Ansicht*] à [perspectiva] ideológica da filosofia alemã; de facto, [decidimos] ajustar contas [*abrechnen*] com a nossa consciência [moral, *Gewissen*] filosófica de outrora. O propósito foi levado a cabo na forma de uma crítica da filosofia depois de Hegel. O manuscrito – dois grossos volumes em oitavo – tinha há muito chegado ao seu lugar de edição na Vestefália, quando nós recebemos a notícia de que uma modificação das circunstâncias não permitia a impressão. Abandonámos o manuscrito à crítica roedora dos ratos [*nagende Kritik der Mäuse*], tanto mais de bom grado, quanto tínhamos alcançado a nossa finalidade principal: auto-esclarecimento [*Selbstverständigung*].»⁴⁹.

Qual é o escrito a que aqui se faz menção?

A ideologia alemã.

Muitas vezes, passa despercebido.

Todavia, logo no prefácio, salta ao palco uma explicitação do

49. «Friedrich Engels, mit dem ich seit dem Erscheinen seiner genialen Skizze zur Kritik der ökonomischen Kategorien (in den Deutsch-Französischen Jahrbüchern) einen steten schriftlichen Ideenaustausch unterhielt, war auf anderm Wege (vergleiche seine Lage der arbeitenden Klassen in England) mit mir zu demselben Resultat gelangt und als er sich im Frühling 1845 ebenfalls in Brüssel niederließ, beschlossen wir den Gegensatz unsrer Ansicht gegen die ideologische der deutschen Philosophie gemeinschaftlich auszuarbeiten, in der That mit unserm ehemaligen philosophischen Gewissen abzurechnen. Der Vorsatz ward ausgeführt in der Form einer Kritik der nachhegelschen Philosophie. Das Manuskript, zwei starke Oktavbände, war längst an seinem Verlagsort in Westphalen angelangt, als wir die Nachricht erhielten, daß veränderte Umstände den Druck nicht erlaubten. Wir überließen das Manuskript der nagenden Kritik der Mäuse um so williger, als wir unsern Hauptzweck erreicht hatten – Selbstverständigung.», MARX, *Zur Kritik der politischen Ökonomie. Erstes Heft* (1859), Vorwort; MEGA², vol. II/2, pp. 101-102.

sentido *primeiro*, ou da primordialidade do sentido, em que *ideologia* vai ser neste texto tomada:

«O idealismo alemão [*der deutsche Idealismus*] não se separa por nenhuma diferença específica da ideologia [*Ideologie*] de todos os outros povos. Também esta considera o mundo como dominado por Ideias, as Ideias e conceitos como princípios determinantes [*bestimmende Prinzipien*], determinados pensamentos [*Gedanken*] como o mistério do mundo material acessível aos filósofos.»⁵⁰.

Verificamos, portanto, que, de acordo com a equivalência *substancialmente* estabelecida, e não com arbitrárias importações engenhosas de significados extrínsecos:

Neste entendimento *preciso*, *ideologia* é, fundamentalmente, *idealismo*: a crença – com impactes ontológicos, metódicos, epistemológicos, políticos, e *práticos* – numa «dominação» do mundo por «Ideias», a cujo superior império reitor a materialidade do real estaria submetida.

Penso ser este o *constitutivo determinante* da adjectivação em 1880 repescada.

Uma «Economia *ideológica*» é, em primordial instância, um corpo de doutrinas económicas assente em supostos *idealistas*. Com os quais é indispensável «romper», em ordem a demandar um saber, material e dialecticamente fundado, das realidades.

Se a minha leitura fôr acertada, só haverá «mistério» para quem imagine que a fundamentação *ontológica* num materialismo dialéctico conseqüente correspondeu tão-só a um devaneio *filosófico*, de momentânea ocorrência, mas abandonado ou esquecido logo, a

50. «Der deutsche Idealismus sondert sich durch keinen spezifischen Unterschied von der Ideologie aller andern Völker ab. Auch diese betrachtet die Welt als durch Ideen beherrscht, die Idee und Begriffe als bestimmende Prinzipien, bestimmte Gedanken als das den Philosophen zugängliche Mysterium der materiellen Welt.», MARX-ENGELS, *Die deutsche Ideologie* (1845-1846), Vorwort; MEW, vol. 3, p. 14.

favor de uma «cientificidade» que o não tivesse por base.

E, se retomarmos o texto e a conjuntura teórica de 1847, constataremos que, sem referência ao adjectivo explicitado, é, não obstante, nesta direcção que se desenrolam, e sobre este solo que repousam, as conhecidas críticas de Marx a Proudhon.

§ 6. *Os materiais.*

Em 1880, como vimos, o rompimento com a «Economia ideológica» – leia-se: com um discurso abarrotado de noções económicas sobre um chão *idealista* erguido – constituía requisito preliminar insusceptível de dispensa, quando se busca compreender, sem alívios na crítica, o processo histórico efectivo da produção social.

E Proudhon encaixa perfeitamente no figurino da postura a remover.

Com efeito, do ponto de vista *concepcional*:

Proudhon estribava o seu peculiar «método do desenvolvimento paralelo da realidade e da ideia» (*méthode du développement parallèle de la réalité et de l'idée*) nuns rudimentos de metafísica, segundo os quais a «facticidade» objectiva, desprovida de fundamento material, era apenas uma instanciação da «Ideia» que representava, e pela qual teria que ser medida⁵¹.

Marx desmascara o assombro.

A incapacidade de seguir «o movimento real da história» lança

51. «Os factos não são de todo [*point*] matéria – pois, nós não sabemos o que essa palavra matéria quer dizer –, mas manifestações visíveis de ideias invisíveis. A este título, os factos não provam senão segundo a medida da ideia que eles representam» – «les faits ne sont point matière, car nous ne savons pas ce que veut dire ce mot matière, mais manifestations visibles d'idées invisibles. A ce titre, les faits ne prouvent que selon la mesure de l'idée qu'ils représentent», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), IV, § I; OC, vol. IV, p. 139.

Proudhon num bailado de «fantasmagorias» cerebralizadas, em que, numa apoteose de idealismo, as sagas do «profano» devêm epifania do «sagrado»⁵², ou, «noutros termos, era o princípio que fazia a história, não era a história que fazia o princípio.»⁵³.

No que toca ao tratamento principal da *economia*:

Percebem-se, nesta moldura, os deliciosos encantamentos de Proudhon por uma Economia em modo «transcendental» kantiano declinada⁵⁴, livre do empecilho tosco das vicissitudes históricas, e

52. «O sr. Proudhon, incapaz de seguir o movimento real da história, dá-nos [*vous donne*] uma fantasmagoria que tem a presunção de ser uma fantasmagoria dialéctica. Ele não sente a precisão de nos falar do século XVII, XVIII, XIX, porque a história dele se passa no meio nebuloso da imaginação, e eleva-se altamente acima dos tempos e dos lugares. Numa palavra, é velharia hegeliana, não é uma história, não é uma história profana – história dos homens –, é uma história sagrada: história das ideias. Na sua maneira de ver, o homem não é senão o instrumento de que a Ideia ou a Razão eterna faz uso para se desenvolver. As *evoluções*, de que o sr. Proudhon fala, são supostas ser as evoluções tais quais se passam no seio mítico da Ideia absoluta. Se rasgarmos a cortina desta linguagem mística, isso acaba por dizer que o sr. Proudhon nos dá a ordem pela qual as categorias se arrumam no interior da cabeça dele. Não precisarei de muito esforço para lhe dar a prova de que esse arranjo é o arranjo de uma cabeça muito desordenada.» – «M. Proudhon, incapable de suivre le mouvement réel de l'histoire, vous donne une phantasmagorie, qui a la présomption, d'être une phantasmagorie dialectique. Il ne sent pas le besoin de vous parler de 17-eme, 18-eme, 19-eme siècle, car son histoire se passe dans le milieu nébuleux de l'imagination et s'élève hautement au-dessus des temps et des lieux. En un mot, c'est vieillerie hégélienne, ce n'est pas une histoire, ce n'est pas une histoire profane – histoire des hommes – c'est une histoire sacrée – histoire des idées. Dans sa manière de voir, l'homme n'est que l'instrument, dont l'idée ou la raison éternelle fait usage, pour se développer. Les *évolutions*, dont parle M. Proudhon, sont censées être les évolutions telles qu'elles se passent dans le sein mystique de l'idée absolue. Si vous déchirez le rideau de ce langage mystique, ceci vient à dire, que M. Proudhon vous donne l'ordre, dans lequel les catégories économiques se rangent dans l'intérieur de sa tête. Il ne me faudra beaucoup d'effort de vous donner la preuve, que cet arrangement est l'arrangement d'une tête très désordonnée.» MARX, *Brief an Pawel Wassiljewitsch Annenkow*, 28. Dezember 1846; MEGA², vol. III/2, p. 72.

53. «En d'autres termes, c'était le principe qui faisait l'histoire, ce n'était pas l'histoire qui faisait le principe.» MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), II, § 1, 5; O, vol. I, p. 83.

Proudhon, aliás, fora taxativo na proclamação:

«Nós não fazemos de todo uma história segundo a ordem dos tempos, mas segundo a sucessão das ideias.» – «nous ne faisons point une histoire selon l'ordre des temps, mais selon la succession des idées.» PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), IV, § I; OC, vol. IV, p. 148.

54. «A ciência económica existia; e Kant – ao invés dos economistas que se vangloriam de não fazer fé senão no mais grosseiro empirismo – não teria deixado de arrumar a Economia política, se dela se tivesse ocupado, entre as ciências puras, quer dizer, possíveis *a priori* pela construção dos princípios, e independentemente dos factos.» – «La science économique existait; et Kant, au rebours des économistes qui se glorifient de n'ajouter foi qu'au plus grossier empirisme, n'eût pas

deduzida a partir de um elenco de Ideias perpétuas, com domicílio numa Razão eximida ao tempo, que, por sinal, haverá de residir na cabeça do «cientista» Pierre-Joseph⁵⁵.

Uma vez mais, Marx descompõe a farpela em que estes desígnios se abrigam, denunciando a forma como este *idealismo* se converte aqui em *idealização*.

As categorias e as leis da economia não gozam de nenhum estatuto de extra-territorial «perpetuidade»: articulam-se com um acontecer histórico determinado que reflectem, a que pretendem trazer perspectiva, e que serve de parâmetro à verdade de que no trânsito elas sejam eventualmente portadoras⁵⁶.

manqué de ranger l'économie politique, s'il s'en fût occupé, parmi les sciences pures, c'est-à-dire possibles *à priori* par la construction des principes, et indépendamment des faits.», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), X, § II; OC, vol. V, p. 124.

55. «A sociedade é como um sábio [*un savant*], que, tendo a ciência alojada no cérebro dele, a abarca no seu conjunto, a concebe sem começo nem fim, a apreende simultaneamente e distintamente em todas as suas partes, e encontra para cada uma delas evidência e prioridade iguais. [...]. Assim, as ideias de liberdade, de igualdade, de teu e de meu, de mérito e de demérito, de crédito e débito, de servidor e amo, de proporção, de valor, de concorrência, de monopólio, de imposto, de troca, de divisão do trabalho, de máquinas, de alfândegas, de renda, de hereditariedade, etc., etc., todas as categorias, todas as oposições, todas as sínteses nomeadas desde a origem do mundo no vocabulário económico: são contemporâneas na razão.» – «La société est comme un savant qui, ayant la science logée dans son cerveau, l'embrasse dans son ensemble, la conçoit sans commencement ni fin, les saisit simultanément et distinctement dans toutes ses parties, et leur trouve à chacune évidence et priorité égales. [...] Ainsi, les idées de liberté, d'égalité, de tien et de mien, de mérite et démérite, de crédit et débit, de serviteur et maître, de proportion, de valeur, de concurrence, de monopole, d'impôt, d'échange, de division du travail, de machines, de douanes, de rente, d'héritage, etc., etc., toutes les catégories, toutes les oppositions, toutes les synthèses nommées dès l'origine du monde dans le vocabulaire économique, sont contemporaines dans la raison.», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), XI, § IV; OC, vol. V, p. 252.

56. «Assim, o sr. Proudhon, principalmente, por falta [*défaut*] de conhecimentos históricos, não viu: que os homens, ao desenvolverem as suas faculdades produtivas, – quer dizer, ao viverem –, desenvolvem certas relações entre eles, e que o modo dessas relações muda necessariamente com a modificação e o acréscimo dessas faculdades produtivas. Ele não viu que as *categorias económicas* não são senão *abstracções* dessas relações reais, que elas não são verdades senão porquanto essas relações subsistem. Assim, ele cai no erro dos economistas burgueses, que vêem nessas categorias económicas leis eternas, e não: leis históricas, as quais só são leis para um certo desenvolvimento histórico, para um desenvolvimento determinado das forças produtivas. Assim, em vez de considerar as categorias político-económicas como abstracções feitas [a partir] das relações sociais reais, transitórias, históricas, o sr. Proudhon, por uma inversão mística, não vê nas relações reais senão corporificações [*des incorporations*] dessas abstracções. Essas próprias abstracções são fórmulas [*des formules*], que dormitaram no seio de deus pai desde o começo do mundo.» – «Ainsi M. Prou-

philosophy @LISBON

Significa isto – para desmancho das ilusões de uma «eternidade» reencontrada, após o desolador parêntesis feudal, e, portanto, inelutável – que o modo *capitalista* de produção tem génese, tribulações no percurso, e que não vai durar para sempre⁵⁷.

No tabuleiro *político* das intervenções, estes supostos onto-metodológicos – de que o expurgo eliminou qualquer contaminação por material histórico sobran-te – não hão-de estar destituídos de consequência:

dhon, principalement par défaut de connaissances historiques, n'a pas vu: que les hommes, en développant leurs facultés productives, c-à-d. en vivant, développent certains rapports entre eux, et que le mode de ce rapport change nécessairement avec la modification et l'accroissement de ces facultés productives. Il n'a pas vu, que les *catégories économiques* ne sont que des *abstractions* de ces rapports réels, qu'elles ne sont des vérités que pour autant que ces rapports subsistent. Ainsi il tombe dans l'erreur des économistes bourgeois, qui voient dans ces catégories économiques des lois éternelles et non des lois historiques, qui ne sont des lois que pour un certain développement historique, pour un développement déterminé des forces productives. Ainsi, au lieu de considérer les catégories politico-économiques comme des abstractions faites des relations sociales réelles, transitoires, historiques, M. Proudhon, par une inversion mystique, ne voit dans les rapports réels que des incorporations de ces abstractions. Ces abstractions elles-mêmes sont des formules, qui ont sommeillé dans le sein de dieu père depuis le commencement du monde.», MARX, *Brief an Pawel Wassiljewitsch Annekow*, 28. Dezember 1846; MEGA², vol. III/2, p. 75.

Entende-se a promessa que Proudhon desvenda no Prólogo da *Filosofia da Miséria*:

«Direi portanto como, estudando – no silêncio do meu coração, e longe de qualquer consideração humana – o mistério das revoluções sociais, Deus, o grande Desconhecido, se tornou para mim uma hipótese, quero dizer: um instrumento dialéctico necessário.» – «Je dirai donc comment, étudiant dans le silence de mon coeur et loin de toute considération humaine, le mystère des révolutions sociales, Dieu, le grand Inconnu, est devenu pour moi une hypothèse, je veux dire un instrument dialectique nécessaire.», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), Prologue; OC, vol. IV, p. 2.

Para outros desenvolvimentos em torno desta tópica: MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), II, § 1, 6 e 7; O, vol. I, pp. 84-91.

57. Como Marx dirá no pós-fácio à segunda edição alemã do Livro Primeiro de *O Capital*:

«Na medida em que é burguesa – quer dizer: em que apreende a ordem capitalista, em vez de como estágio historicamente transitório de desenvolvimento, ao invés, [a apreende] como figura absoluta e última da produção social –, a Economia política só pode permanecer ciência, enquanto a luta de classes permanecer latente ou se revelar em fenómenos apenas singularizados.» – «So weit sie bürgerlich ist, d. h. die kapitalistische Ordnung statt als geschichtlich vorübergehende Entwicklungsstufe, umgekehrt als absolute und letzte gestalt der gesellschaftlichen Produktion auffaßt, kann die politische Oekonomie nur Wissenschaft bleiben, so lange der Klassenkampf latent bleibt oder sich in nur vereinzelt Erscheinungen offenbart.», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1872*, Nachwort; MEGA², vol. II/6, p. 701.

Em Maio de 1846, Marx e Engels – cientes da importância de um melhor conhecimento recíproco entre as correntes europeias que do socialismo se reclamavam, e da vantagem de um debate amplo em que «as diferenças de opinião» (*les différences d'opinion*) pudessem ser ventiladas – convidaram Proudhon a participar numa rede de correspondentes que estavam a pôr de pé⁵⁸.

Entre os vários distanciamentos que na resposta introduz, Proudhon não silencia a sua recusa em admitir «colocar a acção revolucionária como meio de reforma social» (*poser l'action révolutionnaire comme moyen de réforme sociale*)⁵⁹, o que, de resto, condizia por inteiro com as suas fraternalistas tiradas em torno de uma solidariedade «igualitária» resultante de uma «sintética», e almejada, «conciliação dos interesses» (*conciliation des intérêts*)⁶⁰.

Na carta a Annenkow, a réplica de Marx é mais crua, do que cruel:

Não é lícito confundir as «rotações dialécticas» em rodopio na agitada mioleira de Proudhon – e que despejam uma farmacopeia de remédios idealizados – com «a acção prática» (*l'action pratique*) das massas que materialmente transforma⁶¹.

58. Cf. MARX, ENGELS, e Philippe-Charles GIGOT, *Brief an Proudhon*, 5. Mai 1846; MEGA², vol. III/2, pp. 7-8.

59. Cf. PROUDHON, *Brief an Marx*, 17. Mai 1846; MEGA², vol. III/2, p. 206.

60. «Assim, a fraternidade, a solidariedade, o amor, a igualdade, etc., não podem resultar senão de uma conciliação dos interesses, quer dizer: de uma organização do trabalho e de uma teoria da troca. A fraternidade é a meta [*le but*], não o princípio da comunidade, como de todas as formas de associação e de governo» – «Ainsi la fraternité, la solidarité, l'amour, l'égalité, etc., ne peuvent résulter que d'une conciliation des intérêts, c'est-à-dire d'une organisation du travail et d'une théorie de l'échange. La fraternité est le but, non le principe de la communauté, comme de toutes les formes d'association et de gouvernement», PROUDHON, *Système des Contradictions Économiques* (1846), XII, § IV; OC, vol. V, pp. 273-274.

61. «No lugar do grande movimento histórico, que nasce do conflito entre as forças produtivas dos homens já adquiridas e as suas relações sociais que não correspondem mais a essas forças produtivas; no lugar das guerras terríveis que se preparam entre as diferentes classes de uma nação, entre as diferentes nações; no lugar da acção prática e violenta das massas, que só ela poderá resolver essas colisões; no lugar deste movimento vasto, prolongado, e complicado: o sr. Proudhon põe

Na obra publicada em 1847, o tiro é certo, e desemboca, sem adoçantes, numa luta *política* que traz revolucionamentos na ponta⁶².

Neste quadro, ganha porventura outra coloração o condensado da *Miséria da Filosofia* que, na carta a Schweitzer de 1865, Marx

o movimento cacadaulphino [*cacadaulphin*, isto é: cacaborrado, da côr das fraldas do delfim de França, filho de Maria Antonieta] da sua cabeça. Deste modo, são os sábios – os homens capazes de suspender a deus o seu pensamento íntimo – que fazem a história. O povo miúdo não tem senão que aplicar as revelações deles. V. compreende agora por que é que o sr. Proudhon é declarado inimigo de todo o movimento político. A solução dos problemas actuais não consiste, para ele, na acção pública, mas nas rotações dialécticas da cabeça dele. Porque, para ele, as categorias são as forças motoras, não é preciso mudar a vida prática para mudar as categorias. Muito pelo contrário. É preciso mudar as categorias, e a mudança da sociedade real será a consequência disso. No seu desejo de conciliar as contradições, o sr. Proudhon não se pergunta sequer se a base mesma dessas contradições não deve ser derrubada [*renversée*].» – «A la place du grand mouvement historique, qui nait du conflit entre les forces productives des hommes déjà acquises et leur rapports sociaux, qui ne correspondent plus à ces forces productives; à la place des guerres terribles, qui se préparent entre les différentes classes d'une nation, entre les différentes nations; à la place de l'action pratique et violente des masses, qui seule pourra résoudre ces collisions; à la place de ce mouvement vaste, prolongé et compliqué, M. Proudhon met le mouvement cacadaulphin de sa tête. Ainsi ce sont les savants, les hommes capables de suspendre à dieu sa pensée intime, qui font l'histoire. Le menu peuple n'a qu'à appliquer leur révélations. Vous comprenez maintenant pourquoi M. Proudhon est ennemi déclaré de tout mouvement politique. La solution des problèmes actuels ne consiste pas pour lui dans l'action publique, mais dans les rotations dialectiques de sa tête. Parce que pour lui les catégories sont les forces motrices, il ne faut pas changer la vie pratique, pour changer les catégories. Tout au contraire. Il faut changer les catégories et le changement de la société réelle en sera la conséquence. Dans son désir de concilier les contradictions, M. Proudhon ne se demande seulement pas, si la base même de ces contradictions ne doit être renversée.»
MARX, *Brief an Pawel Wassiljewitsch Annenkow*, 28. Dezember 1846; MEGA², vol. III/2, p. 78.

Atente-se como – designadamente, nesta passagem – os elementos de uma crítica *materialista* do *idealismo*, recém-consolidados nas *Teses sobre Feuerbach* e em *A ideologia alemã*, marcam presença e o andamento da argumentação.

62. «A classe laboriosa substituirá, no curso do seu desenvolvimento, a antiga sociedade civil por uma associação que excluirá as classes e o antagonismo delas, e não haverá mais poder político propriamente dito, uma vez que o poder político é precisamente o resumo oficial do antagonismo na sociedade civil. Entrementes [*en attendant*], o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é uma luta de classe a classe, luta que, levada à sua expressão mais alta, é uma revolução total. Aliás, é preciso [alguém] espantar-se que uma sociedade, fundada sobre a *oposição* das classes, venha a parar [*aboutir*] à *contradição* brutal, a um choque de corpo contra corpo, como desenlace último?» – «La classe laborieuse substituera, dans le cours de son développement, à l'ancienne société civile une association qui excluera les classes et leur antagonisme, et il n'y aura plus de pouvoir politique proprement dit, puisque le pouvoir politique est précisément le résumé officiel de l'antagonisme dans la société civile. En attendant, l'antagonisme entre le prolétariat et la bourgeoisie est une lutte de classe à classe, lutte qui, portée à sa plus haute expression, est une révolution totale. D'ailleurs, faut-il s'étonner qu'une société, fondée sur l'*opposition* des classes, aboutisse à la *contradiction* brutale, à un choc de corps à corps comme dernier dénouement?», MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), II, § 5; O, vol. I, p. 136.

apresenta:

«Eu mostrei aí, entre outras coisas, quão pouco ele [Proudhon] penetrou no segredo da dialéctica científica; como, por outro lado, ele partilha as ilusões da filosofia especulativa, na medida em que ele, *em vez de* conceber as *categorias económicas como expressões teóricas de relações de produção* [*Produktionsverhältnisse*] *correspondentes a um estágio determinado de desenvolvimento da produção material*, as delirifica [*verfäseln*] em *Ideias eternas*, preexistentes; e como, por este desvio [*Umweg*], ele volta a chegar ao ponto de vista [*Standpunkt*] da Economia burguesa.»⁶³.

O *ideologismo* económico de Proudhon tem, na verdade, assentamento numa sapata *idealista*.

§ 7. Coda.

Ficam ainda por esclarecer duas passagens com um parentesco remissível para a nossa problemática.

Na carta a Annenkow, lê-se:

«O sr. Proudhon não nos dá uma crítica falsa da economia política, porque ele é possuidor de uma filosofia ridícula, mas ele dá-nos uma filosofia ridícula, porque ele não compreendeu o estado social actual no seu engrenamento [*engrenement*], para usar uma palavra que o sr. Proudhon toma de empréstimo a Fourier, [tal] como muitas outras

63. «Ich zeigte darin u. a., wie wenig er in das Geheimniß der wissenschaftlichen Dialektik eingedrungen; wie er andererseits die Illusionen der spekulativen Philosophie theilt, indem er die *ökonomischen Kategorien, statt als theoretische Ausdrücke historischer, einer bestimmten Entwicklungsstufe der materiellen Produktion entsprechender, Produktionsverhältnisse* zu begreifen, sie in präexistierende, *ewige Ideen* verfäseln und wie er auf diesem Umwege wieder auf dem Standpunkt der bürgerlichen Oekonomie ankommt.», MARX, *Über P.-J. Proudhon. Brief an Johann Baptist von Schweitzer* (1865); MEGA², vol. I/20, pp. 62-63.

Uma leitura apressada não captará que Marx está a falar da *gênese* do edifício doutrinário de Proudhon. Uma interpretação errónea pretenderá ver no afirmado a prova de um sumário despedimento da filosofia de qualquer posto de orientação quanto ao regime ontológico.

Ora, aquilo que Marx diz é que, *em Proudhon*, o guarda-roupa *filosófico* se vê confeccionado à medida de um corpo *económico* que ele é incapaz de compreender na sua efectiva materialidade histórica. Não é um «filósofo» profundo que se aventura a dissertar de modo leviano sobre «economia»; é um pretense «economista social» que agasalha em filosofemas, para o efeito expressamente talhados, a sua incompreensão *económica* persistente⁶⁵.

Porém, na peanha dos proudhonianos alvitres «económicos» – que realmente lhe comandam o discurso – continua a estacionar, na metafísica da qual se socorre, um enfoque *idealista*.

Na *Miséria da Filosofia*, constata-se:

«O sr. Proudhon não avançou sequer suficientemente no atalho

64. «M. Proudhon ne vous donne pas une fausse critique de l'économie politique parce qu'il est possesseur d'une philosophie ridicule, mais il vous donne une philosophie ridicule, parce qu'il n'a pas compris l'état social actuel dans son engrenement, pour user d'un mot, que M. Proudhon emprunte à Fourier, comme beaucoup d'autres choses.», MARX, *Brief an Pawel Wassiljewitsch Anenkow*, 28. Dezember 1846; MEGA², vol. III/2, p. 70.

Para uma utilização proudhoniana do termo «engrenement»: PROUDHON, *Qu'est-ce que la propriété? Premier Mémoire* (1840), V, II, § 3; OC, vol. I, p. 220.

Na sua mecânica dos encadeamentos «atractivos», Fourier recorre frequentemente às imagens do «engrenamento». Recordo um saboroso capítulo dedicado à «Engrenagem das Séries pela gastronomia cabalística» – «Engrenage des Séries par la gastronomie cabalistique», FOURIER, *Le Nouveau Monde Industriel et Sociétaire, ou Invention du Procédé d'Industrie Attrayante et Naturelle distribuée en Séries Passionnées*, III, IV, VII, XXVI; Paris, Bossange Père – P. Mongie Ainé, 1829, pp. 296-302.

65. Aliás, de entrada, trata-se de uma circunstância para a qual Marx não deixou de advertir:

«O sr. Proudhon tem a infelicidade de ser singularmente conhecido mal [*méconnu*] na Europa. Em França, ele tem direito a ser mau economista, porque passa por ser [um] bom filósofo alemão. Na Alemanha, ele tem direito a ser mau filósofo, porque passa por ser [um] economista francês dos mais fortes.» – «M. Proudhon a le malheur d'être singulièrement méconnu en Europe. En France, il a le droit d'être mauvais économiste, parce qu'il passe pour être bon philosophe allemand. En Allemagne, il a le droit d'être mauvais philosophe, parce qu'il passe pour être économiste français des plus forts.», MARX, *Misère de la Philosophie* (1847); O, vol. I, p. 7.

[*chemin de traverse*] que o ideólogo toma para chegar [*gagner*] à estrada principal [*grande route*] da história.»⁶⁶.

Uma exegese onde a pressa se torna solidária do engano lerá que, para Marx, Proudhon não enferma afinal de *ideologia*, por minguia de predicados bastantes que o habilitem a pertencer à classe dos «ideólogos».

Uma vez mais, o que Marx afirma, e mostra, é outra coisa.

Proudhon não faz nem aquilo que *idealisticamente* supõe fazer – revelar o elenco sucessivo das categorias económicas eternas no seu território mundano de manifestação fenoménica –, nem o que, por exemplo, o *idealista* Hegel levou a cabo, na *Ontologia* a que chamou «Ciência da Lógica»: a exposição sistematicamente dialéctica de deus, com o recheio de entidades puras que lhe mobilam o conteúdo, antes da criação do mundo⁶⁷. Pelo contrário, Proudhon enrodilha-se somente num enovelado de «contradições» que, cegas para o seu fundamento *material*, têm sede e poiso exclusivos, no meandro da sua mente desarrumada⁶⁸.

66. «M. Proudhon ne s'est pas même assez avancé sur le chemin de traverse que prend l'idéologue pour gagner la grande route de l'histoire.», MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), II, § I, 5; O, vol. I, p. 84.

67. «A Lógica é, pois, de apreender como o sistema da razão pura, como o reino do pensamento puro. *Este reino é a verdade, tal como, sem invólucro [ohne Hülle], ela é em si para si própria.* Pode-se, por isso, expressar que este conteúdo é a *exposição [die Darstellung] de deus, tal como ele é na sua essência eterna, antes da criação da Natureza e de um espírito finito.*» – «Die Logik ist sonach als das System der reinen Vernunft, als das Reich des reinen Gedankens zu fassen. *Dieses Reich ist die Wahrheit, wie sie ohne Hülle an und für sich selbst ist.* Man kann sich deswegen ausdrücken, daß dieser Inhalt *die Darstellung Gottes* ist, *wie er in seinem ewigen Wesen vor der Erschaffung der Natur und eines endlichen Geistes ist.*», HEGEL, *Wissenschaft der Logik* (1812), Einleitung, Allgemeiner Begriff der Logik; TW, vol. 5, p. 44.

68. «Que é, então, aquilo que o sr. Proudhon nos dá? A história real, quer dizer, de acordo com o entendimento do sr. Proudhon: a sucessão segundo a qual as categorias se *manifestaram* na ordem dos tempos? Não. A história, como ela se passa na própria Ideia? Bem menos ainda. Assim, [não nos dá] nem a história profana das categorias, nem a história sagrada delas! Que história nos dá ele, então, por fim? A história das suas próprias contradições.» – «Qu'est-ce donc que M. Proudhon nous donne? L'histoire réelle, c'est-à-dire, d'après l'entendement de M. Proudhon, la succession suivant laquelle les catégories se sont *manifestées* dans l'ordre des temps? Non. L'histoire comme elle se passe dans l'idée elle-même? Bien moins encore. Ainsi ni l'histoire profane des catégories, ni leur histoire sacrée! Quelle histoire nous donne-t-il enfin? L'histoire de ses propres

Há «ideólogos» que, de um modo idealista, ainda conseguem encontrar maneira de pensar o real. As logomaquias antitético-sintéticas de Proudhon, em contrapartida triste, não passam de *idealismo* de má qualidade.

A crítica que Marx dirige ao *idealismo* – de que *ideologia*, em muitos passos, funciona como sinónimo – prende-se com aquela incompreensão *ontológica* de raiz, que afecta, e infecta, a sua obstinada recusa em admitir com consequência que o alçado das «ideias» possui *determinante* cabouco *material* na arquitectura.

Hermeneutas com peregrino desembaraço para a tolice remendada acharão que um posicionamento desta índole tem albergue exclusivo em *A ideologia alemã*.

Não é bem assim.

Noutros textos posteriores, a acepção que indiquei também faz vencimento.

Sem exaustividade no alinhamento, lembraria que, no *Manifesto*, este sentido – em que *ideologia* e *idealismo* se associam – transparece no apelo *materialista* a uma fundamentação histórico-material dos sistemas de representação consciente⁶⁹. E, em *O Capital*, a amarração ontológica que se critica no manejo hegeliano da dialéctica reside, precisamente, no demiurgismo «ideializante» que lhe suporta, e

contradictions.», MARX, *Misère de la Philosophie* (1847), II, § 1, 5; O, vol. I, p. 83.

69. «As queixas [*die Anklagen*] contra o comunismo que são sobretudo feitas a partir de pontos de vista religiosos, filosóficos, e ideológicos, não merecem nenhuma discussão mais pormenorizada. Será preciso inteligência [*Einsicht*] profunda para compreender [*begreifen*] que, com as relações de vida dos seres humanos, com as ligações sociais deles, com a sua existência social, se alteram também as representações, intuições, e conceitos, deles: numa palavra, [se altera] também a consciência deles?» – «Die Anklagen gegen den Kommunismus, die von religiösen, philosophischen und ideologischen Gesichtspunkten überhaupt erhoben werden, verdienen keine ausführlichere Erörterung. Bedarf es tiefer Einsicht, um zu begreifen, daß mit den Lebensverhältnissen der Menschen, mit ihren gesellschaftlichen Beziehungen, mit ihrem gesellschaftlichen Dasein, auch ihre Vorstellungen, Anschauungen und Begriffe, mit einem Worte auch ihr Bewußtsein sich ändert?», MARX-ENGELS, *Manifest der Kommunistischen Partei* (1848), II; MEW, vol. 4, p. 480.

estrutura, a bateria dos supostos⁷⁰.

De resto, no *Ludwig Feuerbach*, cuja publicação em livro data de 1888, Engels explicita igualmente, em esclarecedor apontamento, aquilo que «ideologia» (*Ideologie*) quer dizer:

«Ocupação [*Beschäftigung*] com pensamentos [*Gedanken*], enquanto entidades autónomas [*selbständige Wesenheiten*], que se desenvolvem independentemente [*unabhängig*], submetidas apenas às suas leis próprias [*eigne Gesetze*].»⁷¹.

Reencontramos os traços característicos com que deparáramos já em *A ideologia alemã*.

Este entendimento concepcional não foi, portanto, abandonado.

É, porém, tempo de rematar esta fala. Que vai longa, e prolixa.

Com as mostrações e amostras exibidas, pretendi tão-só carregar materiais para o estaleiro de uma actividade pensante a prosseguir.

No prefácio de 1880 que me proporcionou as arrancadas, o vector *determinante* da *adjectivação* no expressivo compósito «Economia *ideológica*» é o *idealismo*, que, enquanto ontologia, respalda um leque *muito diversificado* de doutrinas e de teoremas que *em comum* partilham essa pista de lançamento para as voaduras que empreendem.

70. «O meu método dialéctico é, pela base [*der Grundlage nach*], não apenas diverso do de Hegel, mas o seu contrário directo. Para Hegel, o processo de pensamento [*der Denkproceß*] – que ele transforma mesmo num sujeito autónomo, sob o nome de Ideia – é o demiurgo do [efectivamente] real, que forma apenas o fenómeno exterior dele. Para mim, inversamente, o ideal [*das Ideelle*] não é nada senão o material [*das Materielle*] transposto e traduzido na cabeça do ser humano.» – «Meine dialektische Methode ist der Grundlage nach von der Hegelschen nicht nur verschieden, sondern ihr direktes Gegenteil. Für Hegel ist der Denkproceß, den er sogar unter dem Namen Idee in ein selbstständiges Subjekt verwandelt, der Demiurg des Wirklichen, das nur seine äußere Erscheinung bildet. Bei mir ist umgekehrt das Ideelle nichts andres als das im Menschenkopf umgesetzte und übersetzte Materielle.» MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1872*, Nachwort; MEGA², vol. II/6, p. 709.

71. «Beschäftigung mit Gedanken als mit selbständigen, sich unabhängig entwickelnden, nur ihren eignen Gesetzen unterworfenen Wesenheiten.» ENGELS, *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie* (1888), IV; MEW, vol. 21, p. 303.

Como comecei por referir, há *pormenores* que na embalagem transportam um alcance porventura *maior* do que, à primeira vista, se julga.

Por isso, a *imediatez* oferecida merece, e requer sempre, os suores e a paciência de um ensaiando exame crítico.

Muito obrigado.

Lisboa, Setembro de 2017.